

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia

Daniel Ramsés Moura Gomes Loures

**O Jornal Correio de Uberlândia e a
Segunda Guerra Mundial: Análise sobre
as notícias durante o conflito (1939 –
1945).**

Uberlândia

2014

Universidade Federal de Uberlândia

Daniel Ramsés Moura Gomes Loures

**O Jornal Correio de Uberlândia e a Segunda Guerra: Análise
sobre as notícias durante o conflito (1939 – 1945).**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção de título de bacharelado e licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar.

Uberlândia

2014

Daniel Ramsés Moura Gomes Loures

O Jornal Correio de Uberlândia e a Segunda Guerra Mundial: Análise sobre as notícias durante o conflito (1939 – 1945).

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar.

Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras – Chave: História Social; Nova História Militar; Imprensa.

Daniel Ramsés Moura Gomes Loures

O Jornal Correio de Uberlândia e a Segunda Guerra: Análise sobre as notícias durante o conflito (1939 – 1945).

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção de título de bacharelado e licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar.

Banca Examinadora

Ms. Cristiane Paula Arantes UFU/MG

Ms. Rodrigo da Silva Felix UFU/MG

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar UFU/MG

Orientador

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu vida e força nos momentos mais difíceis da minha formação, e que me proporcionou a graça do aprendizado a cada passo dado durante o caminho da graduação.

Agradeço a todos os meus familiares, e em especial agradecimento aos meus avôs: por parte de pai José Loures (in memoriam) e Nulena, e por parte de mãe, Gonçalo (que atualmente mora no Sergipe) e Margarida, atualmente casada com Durval. A eles dedico minha monografia por serem muito importantes no meu aprendizado, desde criança até hoje. Direciono grande parte de minha escrita ao meu avô Durval, que viveu o período pós-guerra e que muitas vezes me dedicou o seu tempo quanto as suas considerações sobre a Segunda Guerra Mundial. A ele dedico meu profundo respeito e admiração.

Aos meus heróis e exemplos de vida: a minha mãe Sandra Helena, meu pai José Loures Junior, e a minha irmã Juliana Loures. A eles agradeço pela minha existência e pela companhia inestimável, que me proporcionaram momentos de extrema alegria. E também por toda a fé e esforço que dedicaram para a minha formação, me dando disciplina e valorização a todas as conquistas e obstáculos vencidos.

A Universidade Federal de Uberlândia, um agradecimento aos secretários e técnicos do INHIS, que fundamentaram todo o aparato material para a concretização deste curso. Agradeço também ao Arquivo Público de Uberlândia, pela presteza e atendimento, com as fontes pesquisadas para o trabalho. Todas as fontes oriundas do Jornal Correio sobrevivem graças ao esforço de conservação prestado por eles.

Aos meus colegas de graduação, que proporcionaram momentos de alegria e experiência de vida de forma inestimável. Quase todos os colegas da 33ª contribuíram em minha formação, sejam nas discussões em sala de aula, nos trabalhos em equipe e nos estágios realizados para nossa formação como professor/historiador. Dedico especial agradecimento a Leonardo Rodrigues, Marcio Henrique, Leticia Siabra, Maria Helena da Silva, Maria Helena de Freitas, Cassio Murilo, André Feliciano, Susana Santana, Kassius

Kennedy e Julio César. Não importam os caminhos que tomaremos após a graduação, saibam que sempre terão meu respeito, agradecimento e admiração.

E um grande agradecimento aos professores, que nos momentos de apoio e debate contribuíram para o meu amadurecimento e formação, e em especial ao Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar, que me dedicou total apoio e paciência durante o processo de orientação, a quem dedico profundo respeito e admiração. Seu exemplo de seriedade, compreensão e senso de responsabilidade durante a graduação e a orientação contribuíram de forma imensurável para minha formação. Espero sempre me espelhar em seu exemplo durante os meus estudos após a graduação.

Resumo

A presente tese busca compreender as abordagens feitas pelo Jornal Correio sobre a Segunda Guerra Mundial (entre os anos de 1939 a 1945), e de como este veículo de imprensa transmitiu as notícias acerca deste conflito para os cidadãos uberlandenses; resgatando assim parte da memória da Segunda Guerra Mundial veiculada nesta época.

A História Social, bem como a História Local e Regional foram minha principal orientação teórica neste trabalho. Entendo que para estudar a guerra mais impactante do planeta, deve-se levar em conta a construção e a desconstrução dos acontecimentos vividos no front, as quais foram empreendidas pelo Jornal Correio e disponibilizados aos seus leitores; influenciando assim o imaginário e o cotidiano dos cidadãos uberlandenses, na construção de uma memória relativa à Segunda Guerra Mundial

Entre as análises discutidas nesta tese será possível observar como este veículo de imprensa recebeu cada notícia do front de batalha e como as suas representações a respeito da paisagem moral, bem como as noções geopolíticas acerca do conflito construíram uma herança tradicional da guerra, o qual omitiu informações de uma série de fatores que a nova historiografia militar traz luz após a queda da URSS e o fim da Guerra Fria. Estas informações omitidas encontraram diálogo com reinterpretações e re-análises dos contextos políticos e sociais inerentes as nações beligerantes deste conflito, que vem sendo discutida pelos historiadores nos últimos anos.

Abstract

The present thesis seek to comprehend the approaches made by Jornal Correio regarding the Second World War, around the 1939 and 1945 years, and about how this journal have portrayed the news concerning this conflict to the uberlandense citizens; rescuing in this way a part of the memory about the Second World War published in that age. For the accomplishment of this objective, my analysis relates to the moral, military and political discourses in relation to the strife made by the journal, which most of the time was under not just the Era Vargas censorship, but to the political views in dispute during the conflict, to the local and regional events and finally to the uberlandense dominant groups discourses.

The Social History, as well as the Local and Regional History, were my main theoretical orientation in this work. I recognize that, to study the most impacting conflict of the planet, it must be considered how the events lived in the front were constructed (and deconstructed) by Jornal Correio and were published to your readers, influencing this way the imaginary and quotidian of the uberlandense citizens, by constructing a memory related to the Second World War.

Among the analysis argued in this thesis, it will be possible to observe how this media outlet received each news from the battle front and how their portrayals in respect to the moral scenery, as well as how the geopolitical notions about the warfare, constructed a traditional heritage of the conflict, which resulted in a series of factors that the new militar historiography brings up after the URSS fall and the Cold War's end, finding dialogue with the reinterpretings and re-analysis of the social and political contexts inherent to the belligerent nations, that are being discussed by the historians in the last years.

Sumário

Introdução	01
Desenvolvimento	
Capítulo 1 – A cidade de Uberlândia durante a década de 40 e o surgimento do Jornal Correio	
1.1 – O contexto da criação do Jornal Correio em Uberlândia no final da década de 30 e considerações sobre Imprensa e censura de guerra	07
1.2 - Considerações quanto ao significado de guerra total	10
1.3 – Interpretações sobre o conflito	14
1.4 - O Fim da Primeira Guerra Mundial - O Tratado de paz de 1919 e os acordos políticos precedentes (1918 – 1921).	17
1.4.1 - A relativa paz entre 1921 a 1934.....	19
1.4.2 - Prelúdio a Guerra (1934 – 1939).....	21
Capítulo 2 – O Jornal Correio e a Segunda Guerra Mundial	
2.1 - A primeira fase da guerra – O pacto nazi-soviético.....	25
2.2 – A formação da grande coalizão aliada.	46
2.3 – O Brasil e Uberlândia no cenário da Guerra.....	50
2.4 – A queda dos regimes fascistas e a rendição do Japão.....	58
Considerações finais	75
Bibliografias	78
Anexos	79

Introdução

Esta monografia foi pensada a partir de minhas indagações a respeito do que se pensa atualmente sobre a Segunda Guerra Mundial. Desde o Ensino Médio me interessei por este acontecimento e devo parte de meu ingresso ao curso por minha curiosidade a respeito deste tema. Este conflito está sendo revisto por uma nova abordagem historiográfica, por vários historiadores militares (que citarei neste presente trabalho) que romperam com as visões tradicionais sobre esta guerra, visões estas que vigoraram durante a Guerra Fria até os dias atuais. Parte desta revisão historiográfica deve-se a abertura de vários arquivos e documentos a respeito da guerra após a queda do regime soviético presentes no trabalho de autores que estudam este período histórico¹, a re-interpretação entre a história sobre “vencedores” e “vencidos” durante este conflito², reflexões que lançaram luz a varias peculiaridades que permaneciam obscuras durante o conflito e que dialoga criticamente com a memória a respeito de como cada potência apropriou o significado da vitória para si em cima dos regimes totalitários.

Confesso que parte de minha curiosidade não se deve apenas ao que li durante o Ensino Médio. Lembro-me, um pouco antes de ingressar ao colegial, de certa vez quando estava na sapataria do meu pai, e um amigo da vizinhança veio conversar com ele. Este senhor andava fardado, com uma surrada medalha no peito, e meu pai havia me explicado que ele foi um pracinha da FEB. Ao falar sobre este senhor, meu pai disse

¹ Dentre os autores citados neste trabalho:

ROBERTS, Andrew. **A Tempestade da Guerra**. Tradução: Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro. Record, 2012. - Neste livro o autor faz análise sobre o que provocou a derrota do Eixo a partir da própria doutrina de ocupação e anexação de dos territórios subjugados e das estratégias adotadas pelas tropas em campo de batalha. Roberts aborda arquivos particulares presentes em todos os cenários dos conflitos, desde o front ocidental até o front oriental, passando pelas pesquisas nos arquivos do Pentágono a respeito da Guerra no Pacífico.

DAVIES, Norman. **Europa na guerra – Uma vitoria nada simples**. Tradução: Victor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2009. – Davies aborda em sua obra, fundamentado em estudos de arquivos provenientes do front Oriental, uma reinterpretação sobre os estudos da Segunda Guerra Mundial a partir da abordagem de cinco fatores principais presentes no conflito e que estão listados na introdução desta mesma obra: os fatores geográfico, militar, ideológico, político e moral. Tais fatores listados serão abordados no decorrer deste trabalho.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. – Hobsbawn explica, em um de seus capítulos

² DAVIES, Norman. **Europa na guerra – Uma vitoria nada simples**. Tradução: Victor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2009 – pp 25-30.

que ele apresentava seqüelas psicológicas por ter sofrido com estresse de batalha no front italiano.

Poucos anos atrás, perguntei ao meu pai sobre este amigo dele. Pouco sabia sobre ele, se ele era natural daqui de Uberlândia ou como foi à experiência de ter vivenciado a Segunda Guerra Mundial de forma tão direta. Havia acabado de entrar no Curso de História quando ele morreu, e decidi estudar de alguma forma como os cidadãos de Uberlândia perceberam e sentiram a realidade de um conflito que aparentemente parecia tão distante geograficamente, mas tão perto para os que foram voluntários a se dedicar à causa pátria em um período tão único e peculiar³.

A partir deste ponto adentrei por interesse próprio em alguns autores que já discutiam a Segunda Guerra Mundial a luz de uma nova historiografia, autores estes que viriam a Segunda Guerra com maior profundidade a respeito dos vários aspectos do confronto que até então eram obscuros devido as tensões do pós-guerra e da Guerra Fria. Assim comecei a comprar livros e discutir com alguns colegas da turma que se interessavam em conversar sobre o tema. Chegamos à conclusão óbvia de que muitos temas que nós não víssemos na faculdade, e que estão previstos para o ensino de História na rede publica e/ou particular de ensino, teriam que ser abordados após a graduação por iniciativa própria.

Devo justificar que meu interesse pelo tema não se deve também ao estrito fato do trauma sofrido pelo amigo do meu pai ou de que o que poderia me atrair seriam somente as ações no front de batalha ou ao sofrimento e morte advindos do flagelo da guerra. Embora, acima de tudo, ao se falar em guerras fala-se de combates e mortes, o que me atrai ao estudar sobre estes eventos (e não apenas a Segunda Guerra Mundial, como também em outras guerras) é a minha curiosidade acerca do discurso moral e

³ Sobre a memória dos Pracinhas, ver MERON, Luciano Bastos. **Memórias do front – Relatos de guerra dos veteranos da FEB** – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em < <http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/10/Mem%C3%B3rias-do-Front-Relatos-de-Guerra-de-Veteranos-da-FEB.pdf> >. Acesso em: 1º de Abril de 2011. Embora a História Oral não seja utilizada como ferramenta teórico-metodológica neste presente trabalho, a obra acima foi minha primeira leitura a respeito sobre a questão da memória dos pracinhas sobre a Segunda Guerra Mundial. Baseado nas narrativas de guerra de veteranos da FEB, o autor expõe toda a trajetória dos pracinhas entrevistados, desde a formação e treinamento, até a desmobilização e o esquecimento após a guerra. A respeito do “esquecimento” dos pracinhas no fim da Segunda Guerra, são citados vários elementos, tais como: Falta de assistência do Governo Federal com os veteranos; Brasil não tinha tradição de participação em grandes conflitos até o ano de 1944; Proporção de soldados que participaram do conflito entre a população brasileira é muito baixa comparada aos efetivos de países como os EUA, Grã-Bretanha e Federação Russa (antiga URSS).

político construído em cima destes acontecimentos, a construção da memória a respeito da história dos “vencedores” e “vencidos”, e principalmente entender através destes estudos que a melhor contribuição ao entender os mecanismos que levaram às guerras é justificar que o melhor caminho a ser seguido sempre será a paz.

Após citar este breve parêntese, comecei a delinear meu tema de monografia partindo do viés da história regional para o que se pensava sobre a Segunda Guerra Mundial em Uberlândia. Durante a disciplina de MTPH (Métodos e Técnicas de Pesquisa em História), me deparei com um tímido monumento que fazia uma interessantíssima dedicatória aos pracinhas de Uberlândia que lutaram durante a Segunda Guerra Mundial:



1.

1. Monumento sobre os Pracinhas na Praça Clarimundo Carneiro (Antiga Prefeitura) - Arquivo pessoal.

A imagem acima retrata um pequeno monumento em honra aos cidadãos uberlandenses que lutaram na campanha Italiana durante a Segunda Guerra Mundial. Olhando mais atentamente, as plaquetas detalham informações sobre os quinze soldados que embarcaram para a Itália e o ano em que foi erguido o monumento (05 de Maio de 1995):



2.



3.



4.



5.

2, 3, 4 e 5. - Inscrições do monumento presente na Praça Clarimundo Carneiro - Em ordem: Dedicatória aos pracinhas, batalhas, nome dos voluntários - Arquivo pessoal.

Pensei em construir um tema a partir deste monumento e procurei maiores informações sobre este mesmo. Este monumento está presente na Praça Clarimundo Carneiro (Praça da Antiga Prefeitura), ao lado do prédio que era a construção principal da antiga cidade, e que hoje é um museu sobre a história de Uberlândia.

Ao perguntar sobre o que vi, deparei com algumas surpresas desagradáveis: no Museu da Antiga Prefeitura nenhum técnico soube explicar a origem do monumento e tampouco sabiam da existência deste que se localizava nesta mesma praça. No Arquivo Público Municipal, procurei algo que remetesse ao monumento e não obtive sucesso. Como pista alternativa, eu tinha somente a data comemorativa presente na plaqueta enferrujada, intitulada “50 anos do Dia da Vitória (05 de Maio de 1995)”. Desta forma o monumento dedicado aos pracinhas naturais de Uberlândia havia sido

abandonado em um espaço da cidade e agora se encontra entregue às intempéries do tempo, visto a quantidade de ferrugem e sujeira presente nesta fonte. Estava realmente complicado abstrair um tema a partir deste ponto.

Após perceber a dificuldade de estudo sobre o tema a partir deste monumento procurei outra fonte para análise sobre o que acontecia em Uberlândia durante o contexto da Segunda Guerra Mundial. A partir deste ponto, me deparei com o Jornal Correio, que foi criado na época do início do conflito (1938) e que hoje é o principal jornal corrente na cidade.

Com o silêncio do monumento, procurei obter informações sobre o seu surgimento a partir do próprio Jornal Correio. Ao analisar o conteúdo do Jornal Correio datado entre os dias 05 de Maio a 07 de Maio de 1995, não obtive nenhuma informação sobre algo que remetesse à dedicatória feita aos pracinhas na Praça Clarimundo Carneiro, e a partir deste ponto passei a utilizar o próprio Jornal Correio como fonte de pesquisa. Dentre as notícias decorrentes naquele período temos um grande resumo sobre a comemoração do V-E-Day (Dia da Vitória na Europa), uma explicação básica do contexto da guerra com algumas informações complementares sobre a adesão do Brasil a guerra e sobre o Nazismo ou Holocausto. Obviamente, as questões levantadas pelo Jornal Correio neste período específico de memória não apresentam de forma clara as diversas abordagens que existem dentro de um tema tão amplo como a Segunda Guerra Mundial. Embora o resgate da memória deste conflito fosse apenas de caráter ilustrativo ou resumido, o Jornal Correio não deu nenhuma pista sobre a participação dos Uberlandenses durante o a Segunda Guerra Mundial.



Opinião pública força ingresso do Brasil

Uberlândia

Entre os dias 15 de fevereiro e 19 de agosto de 1942, a pretexto de represálias contra o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países que formavam o Eixo, submarinos nazistas torpedearam, ao longo do litoral brasileiro, os navios mercantes Buarque, Olin da, Araraquara, Anibal, Benévolo, Arará, Itajiba e Baependi, provocando a morte de milhares de brasileiros. A 22 de agosto, por pressão da opinião pública, o governo declarou estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha e Itália.

A pesar de sua pouca importância no campo militar, a adesão brasileira trouxe vantagens inquestionáveis aos aliados.

A participação brasileira ocorreu na Itália. O ataque de Monte Castelo foi um dos maiores momentos brasileiros no conflito. Perdeu na Itália 454 homens, sepultados no cemitério de Pistoia, de onde suas cinzas foram transferidas para o monumento nacional aos mortos da segunda guerra mundial.

O esforço de guerra do Brasil teve ainda a força aérea e a marinha de guerra, que pagou pesado tributo na missão de escolta de comboios nas águas territoriais.

7.

5, 7 de maio de 1995 - Nº 16.859



Mundo comemora 50 anos do fim do "inferno nazista"

Uberlândia

Os 50 anos do fim da 2ª Guerra Mundial, a participação brasileira no conflito, os principais episódios e os campos de concentração nazistas, com a matança indiscriminada de judeus são lembrados em matéria de pesquisa do *Correio*. Foi a página mais sangrenta da história da humanidade.

As consequências também trágicas do conflito, com a entrada do planeta na era atômica, a guerra fria e o crescimento do comunismo. Toda a Europa comemora o fim do maior conflito da terra, com cerimônia especial em Londres e em Moscou, passando por Paris e Berlim. Dezenas de chefes de Estado e de governo de cinco continentes já confirmaram a presença.

8.

6, 7, 8. - *Jornal Correio*, 5 a 7 de Maio de 1995. Estes são alguns exemplos das notícias expostas sobre os 50 anos do conflito.

A partir deste ponto, procurei as edições do *Jornal Correio* entre 1939 a 1945, a fim de determinar se o jornal, sendo um dos principais veículos de imprensa naquele período, participou de forma ativa na construção de uma memória sobre a guerra em meio aos cidadãos uberlandenses, mesmo que após a guerra esta memória vivida tenha sido esquecida pelo próprio *Jornal* ou pela população da cidade que vivia o conflito e se encontrava entremeadada pelas influências e conceitos que este veículo de imprensa noticiava. Abordando conceitos como a paisagem moral acerca dos lados beligerantes, os trâmites políticos entre as alianças estabelecidas (e a forma como isto era traduzido pelo *Jornal Correio*), os limites geográficos das batalhas abordados pelo *Jornal* (pouquíssimos esclarecidos para aquela época, e de difícil compreensão até hoje), a mobilização dos recursos da cidade no esforço de guerra aos 1943 e a forma como a guerra noticiada era exteriorizada para os leitores uberlandenses e como estas notícias influenciavam o cotidiano de Uberlândia. Assim, a partir de diversas peculiaridades apresentadas no *Jornal Correio* durante o conflito, procuro direcionar uma abordagem crítica acerca das considerações feitas do que era noticiado naquela época e o que é abordado hoje sobre a Segunda Guerra Mundial a partir dos autores estudados e citados no início desta introdução.

Capítulo 1 – A cidade de Uberlândia durante as décadas de 30 e 40 e o surgimento do Jornal Correio.

1.1 – O contexto da criação do Jornal Correio em Uberlândia no final da década de 30 e considerações sobre Imprensa e censura de guerra.

Os meios de comunicação em massa, e em especial os jornais contemporâneos a época de grandes conflitos, obviamente dedicam paginas de discussões e análises para expor (ou impor) opiniões aos seus interlocutores a respeito do significado da guerra⁴. A temática da guerra causa impacto a quem lê e sempre que o mundo se vê em suspense a uma grande batalha, são garantidos grandes furos jornalísticos e aumento na audiência (e, conseqüentemente, aos lucros obstantes a venda de exemplares). A guerra como noticia, sempre está sujeito ao discurso político e/ou moral, que podem variar de significado repentinamente, de acordo com o desenrolar dos acontecimentos.

A fim de entender a guerra como notícia e de como os fatos relatados eram expostos no Jornal Correio, e de como cada notícia era interpretada pela população a partir das próprias considerações relatadas pelo Jornal (com suas construções e desconstruções dos fatos que noticiava), é necessário entender em qual cenário esta ferramenta da imprensa surgiu. A partir de 1888, ate a década de 50, a cidade de Uberlândia viveu seu primeiro processo de emancipação e crescimento, acompanhado de um discurso progressista bem comum as cidades fundadas na virada do século XX, crescimento e progresso que se vinculava a modernidade e as mudanças de um novo momento vivido pelo país, tempo este em que a Monarquia era substituída pela Republica e anos após a República, era substituída pelo Estado Novo:

“A cidade de Uberlândia, localizada na porção ocidental do estado de Minas Gerais, assenta-se em um imaginário bastante ufânico. Desde os

⁴ DAVIES, Norman. **Europa na guerra – Uma vitoria nada simples**. Tradução: Victor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2009 – p. 438.

primeiros anos de sua emancipação político-administrativa, em 1888, Uberlândia arvora-se destinada ao progresso. E a fim de concretizar tal ideal, foi forjado, na primeira metade do século XX, um discurso que buscou imprimir à cidade uma imagem de ordem e progresso, civilidade e modernidade”.⁵

Atendendo as novas demandas de um imaginário pautado na modernidade e no progresso, a elite uberlandense na primeira metade do século XX repetiu e reforçou incansavelmente este lema durante a formação da cidade procurando dimensionar o alcance de seu discurso a todas as direções e classes sociais de Uberlândia.

À medida que o discurso era repetido e intensificado, independente dos problemas e preocupações urbanas inerentes a este processo, consolidaram-se também outros agentes inerentes a esta elite tais como os políticos, classes empresariais e a imprensa local.

No final da década de 30, Uberlândia ainda não tinha a aparência de uma cidade de porte grande, tal qual como é hoje. Sua população mal urbana mal chegava a 20.000 habitantes em 1938⁶, embora seu crescimento populacional e urbano se desse em um processo contínuo, com direito a especulações imobiliárias, reformas nas praças da cidade e prédios antigos e a segregação das classes populares em bairros periféricos e afastados dos casarões da elite uberlandense localizados no centro. O Jornal Correio foi criado no final da década de 30, em um momento que a elite urbana já reconhecia a força que a imprensa detinha dentro do discurso ufânico de progresso e evolução e também de conciliação de tensões na cidade, como diz a citação a seguir:

“O Jornal (Correio) foi fundado num momento em que a elite letrada da cidade já possuía conhecimento do poder político e social que poderia alcançar por meio deste veículo de comunicação. Afinal, a

⁵ DANTAS, Sandra Mara. *De Uberabinha a Uberlândia: os matizes de um projeto de construção da Cidade Jardim (1900-1950)* In BRITO, Diogo de Souza *Uberlândia revisitada. Memória, cultura e sociedade*. Uberlândia, Editora EDUFU, pp. 19.

⁶ SOARES, Beatriz Ribeiro. *Estruturação interna e a construção dos signos de modernidade da Cidade Jardim*. In BRITO, Diogo de Souza *Uberlândia revisitada. Memória, cultura e sociedade*. Uberlândia, Editora EDUFU, pp. 152-158

cidade já possuía outros Jornais, como a Tribuna e o Repórter, além de revistas como Uberlândia Ilustrada.”⁷

Portanto, a elite letrada detinha e reconhecia a força no discurso conciliatório de uma cidade que aos poucos ficava segregada e gerava tensões. Tal influência, que seria exercida pelo Jornal Correio durante a Segunda Guerra Mundial, era usada exaustivamente como recurso para regular as tensões sociais provocadas pela carestia de vida presentes nas campanhas para angariar recursos e bônus de guerra, ou durante os racionamentos de víveres, que geralmente pesava mais nas classes populares durante o conflito tal como veremos mais a frente.

Mas indo além das influências inerentes aos propósitos da cultura letrada, o Jornal Correio também sofria interferência de fatores externos a cidade ao veicular as notícias advindas do front. Para começar, o Jornal esteve sujeito as censuras do D.I.P.⁸ durante todo o conflito, e esta censura é sentida algumas vezes pela redação do Jornal, conforme será visto no Capítulo 2.

E indo além da censura interna mencionada acima, as notícias vindas do front sempre estavam sujeitas as distorções da censura dos outros países beligerantes que dispunham as notícias durante o decorrer da guerra. Um clássico exemplo é percebido quando na primeira metade do conflito a Grã-Bretanha evitava ao máximo possível o vazamento de informações sobre a extensão de sua vulnerabilidade no início da guerra, enquanto a Alemanha Nazista veiculava notícias e propagandas de seus êxitos no front, permitindo que a imprensa estrangeira documentasse suas vitórias até o início de 1942, quando as circunstâncias do conflito se alteraram profundamente, invertendo o papel da imprensa nos dois países exemplificados acima. Quando se fala sobre URSS, o silêncio da imprensa torna-se quase absoluto quanto à veracidade dos fatos:

⁷ CAMARGO, Cassiana Carrijo. *“Cultura Letrada e Imprensa: O Jornal Correio de Uberlândia (1938-1960)”*. Monografia disponibilizada no CDHIS. Uberlândia, UFU, 2004.

⁸ Folha de São Paulo – **Almanaque Folha Online – Jornalistas contam a História 5** – Depoimento de José Silveira ao repórter Gilberto Negreiros. São Paulo, 09/01/79. Disponível em: < http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_5.htm > D.I.P - Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão de governo que regulava e censurava todas as informações sensíveis veiculadas pela imprensa, ou pelas mídias utilizadas durante o Estado Novo. Este órgão também era responsável pela propaganda de culto a imagem de Getúlio Vargas. O D.I.P não regularizava apenas a Imprensa, como também regularizava todas as formas de manifestações culturais e datas cívicas. Neste almanaque, o Jornal Folha de São Paulo disponibiliza uma entrevista com o Jornalista José Silveira, de depõe a respeito da censura executada pela D.I.P no meio jornalístico durante o Estado Novo.

“Na Frente Oriental, Rússia, havia um silêncio total. A censura era rígida. Só os veículos russos alardeavam a covardia dos alemães e faziam a propaganda exagerada das perdas do inimigo. Os números apresentados pelos russos sobre as perdas dos alemães ultrapassavam o total das tropas e equipamentos concentrados pelos invasores na Frente Oriental. Os correspondentes eram tão censurados que abandonaram a Rússia e se dirigiram para a África do Norte. A única chance que os correspondentes tiveram de realizar uma cobertura digna, na Rússia, foi em fevereiro de 1943, quando o 6º Exército Alemão se rendeu em Stalingrado.”⁹

Cada notícia vinda do front estava sujeito a qualquer mudança de situação política que afetasse alianças, estratégias, propaganda, derrotas e vitórias. Nenhum país beligerante esteve em plenas condições de veicular notícias advinda do front que não distorcesse a realidade dos fatos ou que não passasse pela necessidade da propaganda de mascarar notícias fatídicas ou de obter o cumprimento cívico de cada cidadão de seus respectivos países para legitimar os motivos que levaram a guerra, independente de qual lado for.

1.2 – Considerações quanto ao significado de guerra total.

Para ilustrar as considerações que o Jornal Correio de Uberlândia veiculava a respeito da Segunda Guerra Mundial, primeiramente devemos fazer um exercício crítico de como se deu este conflito. Antes de abordar sobre como cada notícia a respeito deste conflito era abordado no Jornal Correio, é necessária uma análise primária: o que define uma guerra? Uma definição a ser dada está inclusa no fato de que guerras sempre são um método violento de resolver disputas e, portanto nunca foram novidades durante o decorrer da história humana. Em qualquer parte do planeta, seja por motivos de caráter religioso, político, econômico ou social, os grupos detentores de poder sempre recorreram à força para legitimar ações contra possíveis agressões estrangeiras, contra grupos étnico-culturais conflitantes com o seu meio, para conquistar e ostentar poder

⁹ MATTOS, Sergio. “Censura de Guerra – Da Criméia ao Golfo Pérsico” – Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia – Salvador, Primeira Edição, 1991, pp. 6-8. Disponível em <http://www.sergiomattos.com.br/liv_crimeia04.html>.

político em determinadas regiões do globo terrestre, ou para arrecadar recursos econômicos essenciais para a sobrevivência de um determinado império ou nação.

A guerra pode acontecer por diversos motivos, tais como apresentados acima, mas em sua essência ela nunca muda. Nações que se auto-intitulam pacifistas (diversas nações, como exemplo o Brasil, abrigam-se neste artifício), querendo ou não recorrem à utilização de suas Forças Armadas para se defender de agressões estrangeiras. Declarações de guerras formais (que são ocorrências típicas até a metade do século XX) provocam movimentações de batalha entre as forças militares beligerantes, ao qual cada uma destas nações recorre a planos estratégicos com o objetivo de provocar uma rápida derrota ao inimigo. Tais ações se resumem em um termo utilizado freqüentemente no meio militar: o Teatro de Operações.

No entanto, ao falar sobre a Segunda Guerra Mundial, a guerra como palavra chave ganha uma proporção maior em vários elementos inerentes a sua definição, em comparação aos conflitos ocorridos antes do início do séc. XX.

Eis o diferencial que torna a Segunda Guerra Mundial (bem como a Grande Guerra de 1914 - 1918) um acontecimento com uma proporção maior do que outras guerras anteriores. Neste conflito, 53 nações e protetorados se envolveram em batalhas que iam desde a Europa Ocidental e Oriental, passando por regiões do norte da África, até o extremo Oriente e o Oceano Pacífico. Nenhuma guerra anterior reuniu tamanha quantidade de exércitos divididos entre os mais diversos países e territórios.¹⁰

As mortes provocadas pelos seis anos de guerra alcançavam a cifra de milhões, algo impossível de se pensar em conflitos anteriores ao século XX. Mesmo se enxergarmos a violência implícita nas diversas guerras que dividiram a humanidade, a Segunda Guerra Mundial abre uma exclamação difícil de ser ignorada: as mortes de civis (nas mais diversas ações, de bombardeios aéreos a massacres de vilarejos), o holocausto, a imensa quantidade de refugiados, a utilização de tecnologias de destruição em massa, são apenas alguns exemplos sobre esta violência. Violência direcionada a populações que, em teoria, não teriam nada a ver com o conflito, de acordo com a

¹⁰JORDAN, David e WIEST, Andrew. **Atlas da Segunda Guerra Mundial - Todos os lados em combate**. Editora Escala, São Paulo, 1ª Edição Brasileira, 2004, p. 7.

“ética” da guerra, amplamente discutido durante os Tribunais de Guerra em Nuremberg e em Tóquio, após o término da Segunda Guerra Mundial.¹¹

A quantidade de soldados, materiais bélicos e tecnologias para a destruição alcançaram um patamar sem precedentes durante este conflito. A presença de dezenas de milhares de soldados em uma única batalha, ou a utilização de centenas de blindados e aviões para ações estratégicas era algo difícil de conceber antes de 1914 e principalmente antes de 1939. Se as guerras são vistas através da ótica da destruição demarca a violência e a morte em um caráter bem além do inaceitável (as grandes potências ocidentais durante a Segunda Guerra Mundial costumavam calcular o percentual de baixas toleráveis ao iniciar grandes ataques¹²), por outro lado estas mesmas guerras proporcionaram avanços nunca antes obtidos na área da ciência e tecnologia. Exemplos breves nos darão conta sobre o desenvolvimento da tecnologia de foguetes, da engenharia aeronáutica ou sobre a manipulação de energia nuclear.¹³

A todas estas peculiaridades, o autor Eric Hobsbawn resume tais características em um conceito chamado *Guerra Total*¹⁴. Guerras de agressões, ocupações militares, mortes a cifras astronômicas, avanço da tecnologia de destruição em massa, enfim, estas e outras dezenas de exemplos são claras características da nova forma de guerrear presente nos exércitos modernos a partir do século XX. Ao invés de conflitos locais, abre-se agora um leque de batalhas quase simultâneas em várias localidades do planeta. As mortes não ficariam restritas aos militares em ação no conflito. A mortandade direcionada a civis seria legitimada como objetivos estratégicos. Crimes de guerra (até a criação das Nações Unidas) tornar-se-iam elementos de terror e desmotivação às forças inimigas. A respeito das guerras mundiais, Hobsbawn diz que:

“A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve Século XX sem ela (a guerra). Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as

¹¹ DAVIES, Norman, **Europa na Guerra (1939 – 1945) - Uma vitória nada simples**. São Paulo: Editora Record, 1ª Edição, 2009. pp 313 – 316.

¹² AMBROSE, Stephen E. **O Dia D – 6 de Junho de 1944 – A Batalha culminante da Segunda Grande Guerra**. Rio de Janeiro, 3ª Edição, 2002. pp705-714.

¹³ DAVIES, Norman, E. op. Cit. pp 250 – 252.

¹⁴ HOBBSAWN, Eric, **Era dos Extremos – O breve século XX (1914 – 1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Edição, 2011. pp 30 - 60.

bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de catástrofes devem começar com a da guerra mundial de 31 anos.”¹⁵

Portanto, todo um discurso otimista sobre o progresso e a civilização das sociedades européias, e mesmo ao redor do mundo encontraria suas ruínas na chamada “... guerra mundial de 31 anos”. Vemos a partir deste ponto que a Segunda Guerra Mundial foi uma continuação da Grande Guerra de 1914 – 1918. Se pensarmos em termos de continuidade, veremos também que os problemas sóciopolíticos no término da Segunda Guerra Mundial alimentaram as tensões durante a Guerra Fria, e assim sucessivamente. Claramente, percebemos que a legitimação do uso da força, tomada pelas grandes potências da atualidade, encontram seu cerne formador no início do século XX.

1.3 - Interpretações sobre o conflito

Antes de explicar as ações executadas nos teatros de operações na Europa, Norte da África e o Pacífico, é necessário apontar como foram construídas algumas interpretações adotadas pelas nações ocidentais e pela URSS a respeito da Segunda Guerra Mundial.

Primeiramente, o discurso das nações aliadas vencedoras inúmeras vezes silenciam as nações que são tidas como vencidas. Esta questão é delicada, pois vários países europeus durante o conflito, a exemplo da Polônia, não se alinham como nações vencedoras ou vencidas. Países foram ocupados, reocupados e/ou destruídos sistematicamente pela máquina da guerra¹⁶. Além disso, diversos movimentos de independência foram oprimidos em diversas regiões do mundo antes da guerra, e retomados após o término do conflito¹⁷.

¹⁵ Idem, p. 30

¹⁶ DAVIES, Norman, **Europa na Guerra (1939 – 1945) - Uma vitória nada simples**. São Paulo: Editora Record, 1ª Edição, 2009, p 324.

¹⁷ BOOTH, Owen e WALTON, John, **A História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Europa, p 251.

Este ponto se interliga também a negação da Alemanha pós-guerra como uma nação cultural e politicamente importante, que por duas vezes tornou-se demonizada como a nascente de todos os males da Europa e que, até o final da década de 80, se viu dividida em duas. A historiografia acerca da Segunda Guerra Mundial construída até o fim da Guerra Fria deu-se em torno deste viés, que se justificava em uma visão romantizada de uma cruzada (Aliada) contra o mal anti-fascista, que englobava não só militares e políticos, mas também toda a população civil alemã¹⁸. Em uma proporção quase semelhante o Japão, até o fim do conflito, teve sua população civil quase destruída como culpada e responsável pelas agressões que as forças armadas japonesas cometeram contra os países beligerantes.

Em contra partida, quando a análise das potências ocidentais consideraram a participação soviética durante o conflito, as discussões acerca de Stalin e de todo seu aparato político e militar se deu em torno de uma visão romantizada (e inconsequente) de que este aliado ainda se assemelhava grosso modo com o Império Russo antes de 1917. Sendo um potencial nação aliada ao esforço de guerra europeu, a URSS anexou, ocupou ou alterou o governo de várias repúblicas-satélites nas ofensivas de 1944-1945, e isto era visto pela ótica dos EUA e da Grã-Bretanha como um simples movimento de um império preste a vencer o conflito. Embora seja importante não descartar as agressões da Alemanha nazista às nações do leste europeu, o regime de Stalin foi tão repressor e violento quanto qualquer outro governo totalitarista¹⁹.

Em um discurso de “vencedores” acerca da historiografia tradicional de nações vitoriosas na Segunda Guerra, quaisquer citações de fontes que contradizem as visões estereotipadas acima tinham a característica de exceções, ou tomavam caráter de não-oficial. Após a queda da URSS, estas e várias outras questões acerca do conflito foram novamente discutidas e houve reconstruções importantes acerca do que aconteceu entre 1939 a 1945. Uma nova historiografia acerca do conflito ganhou conclusões e inconclusões diferentes do que se falava antes da década de 80. Autores como Anthony Beevor e Norman Davies lançaram novos olhares a respeito do leste europeu durante o conflito, bem como críticas acerca da participação das potências ocidentais e a URSS em uma confortável “cruzada do bem contra o mal”. Autores contemporâneos ainda utilizam este último jargão para justificar as ações tomadas (inclusive com todas as

¹⁸ DAVIES, Op. Cit. p 29.

¹⁹ Idem, pp. 29-30

atrocidades inerentes ao processo) em territórios europeus ou asiáticos, embora a leitura destas obras esteja englobada em uma escancarada legitimação ao poderio ocidental pós-guerra²⁰.

A partir das considerações a respeito da Segunda Guerra Mundial acima citado, considere estes como os mais relevantes para a discussão proposta para este trabalho, pois tal temática estudada abre um grande leque para discussões acerca de diversos gêneros para o estudo sobre este conflito.

Outra questão que é pouco levado em conta é o limite geográfico do conflito. Quando o conceito de “guerra total” é empregado para explicar grandes conflitos armados, é comum confundir com a idéia de que ocorriam grandes batalhas simultaneamente em varias partes do planeta. A Segunda Guerra Mundial ocorreu em vastas regiões do globo terrestre, mas os conflitos não ocorreram simultaneamente, e quase todas as batalhas tomaram resoluções rápidas. A escala de ação e destruição era maior no Leste Europeu, mas esta região também não fugia a esta regra. As zonas de guerra se limitavam a alguns territórios:

- Albânia, 1939 – 1945;
- Polônia, 1939 – 1945;
- Noruega e Dinamarca, 1940 – 1945;
- Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo, 1940 – 1945;
- Norte da França, 1940 – 1944;
- Estados Bálticos, Bielo-Rússia e Ucrânia, 1940 – 1941/45;
- Iugoslávia, 1941 – 1945;

²⁰Livros que figuram como Best-sellers nos Estados Unidos utilizam incansavelmente este tipo de retórica. Um autor a ser exemplificado é Stephen Ambrose, Diretor do Centro Eisenhower para veteranos americanos da Segunda Guerra Mundial, é autor dos livros *“O Dia D – 6 de Junho de 1944 – A Batalha culminante da Segunda Grande Guerra”* e *“Soldados Cidadãos – Do desembarque do Exército Americano nas praias da Normandia à Batalha das Ardenas e à Rendição da Alemanha”*. Ambrose recentemente dedicou-se as séries de televisão sobre os EUA na Segunda Guerra Mundial, a exemplo de *“Band of Brothers”* e *“The Pacific”*, ambas com direção de Steven Spielberg e Tom Hanks.

- Grécia, 1941 – 1945;
- Itália, 1943 – 1945;
- Finlândia, 1939/40 – 1941/42;
- Sul da Inglaterra, 1940/41;
- Norte da África, 1940 – 1943.
- Leningrado, 1941 – 1944;
- Oeste e Sul da URSS, 1941 – 1943;
- Romênia, Bulgária e Hungria, 1944 – 1945.²¹
- China e Indochina, 1933 – 1945²².
- Oceania, 1941 – 1945²³.
- Índia, 1944 – 1945²⁴.

Tal exemplificação é importante de se tomar nota, já que também é comum o fato de os jornais contemporâneos a guerra falarem sobre batalhas sem nem ao menos conhecer ou ilustrar com mapas os locais atingidos pela guerra.

O que claramente propiciou o início da Segunda Guerra Mundial? A fim de contextualizar o conflito com o Jornal Correio, é necessário rever os antecedentes que se tornaram agravantes para o início deste conflito.

²¹ DAVIES, Op. Cit. p. 32.

²² BOOTH, Owen e WALTON, John. **A História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Europa, p 224.

²³ ROBERTS, Andrew, **A Tempestade da Guerra**. Rio de Janeiro: Record, 2012. pp 24-25.

²⁴ ROBERTS, Andrew, Op. Cit. p 23.

1.4 - O Fim da Primeira Guerra Mundial - O Tratado de paz de 1919 e os acordos políticos precedentes (1918 – 1921).

É muito fácil estabelecer datas ou marcos sobre as grandes guerras quando se está dando aula ou explicando de maneira geral sobre este determinado assunto. Livros escolares ou acadêmicos marcam que as batalhas na Europa cessaram rigorosamente em novembro de 1918, quando o Império Alemão declarou rendição incondicional no fim da Primeira Guerra Mundial. No entanto, os problemas europeus, que repercutiriam futuramente em uma nova guerra, mal acabaram de começar. No antigo Império Russo, a nascente URSS encontrar-se-ia em uma sangrenta guerra civil até 1921, enquanto que nações nascentes ainda alcançariam suas independências às montas de breves batalhas locais contra suas metrópoles (tal como se deu entre a Grécia e a Turquia, ou a Polônia e os as Repúblicas Socialistas no Leste Europeu, até aproximadamente 1921)²⁵.

O elemento mais importante para a perpetuação do desequilíbrio europeu deu-se entre as nações vencedoras da Grande Guerra (Tríplice Entente) em cima do extinto Império Alemão, a partir das clausuras impostas pelo humilhante Tratado de Versalhes. Não houve somente este tratado, pois cada nação derrotada assinaria tratados diferentes em outras conferências. Mas o Tratado de Versalhes figura com um peso maior por desestruturar uma improvável paz futura, já que suas considerações de paz puniam severamente o Império Alemão. Dentre as determinações, destaco:

- “A Alemanha, e seus aliados se tornariam as únicas culpadas pela Grande Guerra.
- A Alemanha daria concessões de territórios a nações fronteiriças nascentes, como por exemplo, a formação da fronteira leste com a Polônia. As colônias ultramarinas passariam ao controle da Liga das Nações e a haveria a entrega da Alsácia-Lorena a França.
- As forças armadas da Alemanha não poderiam arregimentar além de 100.000 voluntários ou conscritos.

²⁵ DAVIES, Norman, **Europa na Guerra (1939 – 1945) - Uma vitória nada simples**. São Paulo: Editora Record, 1ª Edição, 2009, p. 156.

- A formação da Cidade Livre de Dantzig, antigo protetorado do Império Alemão, que surgiria como enclave no meio do território Polonês.
- Reparações em dinheiro (aproximadamente 11 milhões de dólares em valores da época – uma cifra praticamente inconcebível para a época) aos países vencedores da Grande Guerra”²⁶.

O Tratado de Versalhes propiciou o surgimento da Liga das Nações, que, em tese, deveria promover a paz e o equilíbrio entre as nações européias. Este tratado, porém, surgiu em meio a falhas gritantes. Obviamente, o Tratado de Versalhes seria um lento estopim para a queda da Republica de Weimar e a ascensão de Hitler, em 1934. Porém, Norman Davies, em seu livro *Europa na Guerra* aponta alguns fatores neste tratado que agrava o desequilíbrio de forças na Europa:

“(...) a mais evidente falha do chamado Tratado de Versalhes estava no fato de que as regiões mais turbulentas da Europa encontravam-se no leste, muito além de seu alcance. Durante o período da Conferencia de Paz, os Bolcheviques lançaram um grande número de campanhas militares contra os vizinhos da Rússia Soviética. O Exército Vermelho teve que ser expulso da Finlândia. Suprimiu a breve independência da Bielo-Russia e Ucrânia, antes de juntar-se aos dois países para um ataque orquestrado contra a Polônia. (...) voltou-se contra (...) Azerbaijão, Geórgia e Armênia, ao mesmo tempo que projetava o poder soviético nos mais distantes territórios da Ásia central, do Uzbequistão à Mongólia Exterior.”²⁷

As complexidades territoriais entre os novos países europeus começaram a surgir. A Polônia tornou-se um país problemático para a Liga das Nações, e se tornaria um óbvio oponente para a URSS ou Alemanha em um futuro próximo. Durante a

²⁶DAVIES, Norman. Op. Cit. p. 158.

²⁷DAVIES, Norman, **Europa na Guerra (1939 – 1945) - Uma vitória nada simples**. São Paulo: Editora Record, 1ª Edição, 2009, p. 159.

década de 20, a Polônia sofreria três ataques do Exército Vermelho antes de rechaçá-los temporariamente até o início do conflito de 1939²⁸.

1.4.1- A relativa paz entre 1921 a 1934.

Após 1921, as batalhas na Europa arrefeceram. Cada país cuidaria, a partir deste ponto, sobre a reconstrução de sua estrutura política, econômica e social.

Porém, houve diversos fatores que atrapalhariam esta reconstrução. A Gripe Espanhola desaparecia deixando milhões de mortes no seu rastro (com uma quantidade de vítimas em uma proporção quase semelhante aos da Grande Guerra), enquanto que as péssimas condições de trabalho e a fome assolariam o Leste Europeu. O desemprego atingiria níveis recordes e, após a crise de 1929, o fantasma da hiperinflação alimentaria o surgimento de governos totalitários. Governos fascistas, a exemplo de Mussolini na Itália, e comunistas, a exemplo de Lênin e Stalin na URSS, dariam um novo desenho as relações políticas presentes na Europa.

Enquanto os regimes se estabeleciam, a Liga das Nações, chefiados pela Grã-Bretanha e França (importante assinalar que EUA não aderiu a Liga das Nações por discordar das imposições do Tratado de Versalhes), pouco puderam fazer para equilibrar as tensões na Europa, e muito menos fizeram a respeito das tensões mundiais. A Alemanha, aos poucos, se desvincularia das punições de Versalhes e, com a crise de 1929, sofreria em convulsões políticas até o golpe de 1934, dado por Adolf Hitler com seu Partido Nacional-Socialista. O Império Japonês, em um claro exemplo de agressão internacional, invadiu a Manchúria em 1931, e foi expulsa da Liga das Nações. Stalin iniciou uma imensa campanha de modernização estatal com os chamados “Planos Quinquenais”, à custa de trabalho escravo campesino, além de dirigir uma violência sem precedentes em todos os ramos da sociedade soviética durante os sangrentos expurgos da década de 30²⁹.

²⁸ Id.

²⁹ Ibid. pp. 161.

Antes de Hitler ascender ao poder, o Partido Nazista conseguiu o apoio da população alemã entre os movimentos políticos nos anos 20, até o ano de 1933. Hitler obteve o poder à custa de sangrentas guerras urbanas contra comunistas e sabotagens. Durante a década de 20, foi preso por agitação política, e, em seu cárcere, escreveu *Mein Kampf* (o livro doutrinário nazista *Minha Luta*). No início da década de 30, o partido Nazista obteve maioria de cadeiras no Reichstag, e, após um suspeitíssimo incêndio no parlamento, Hitler garantiu poderes emergenciais, instaurando a ditadura. Assim, a Liga das Nações passaram a enxergar a Alemanha como um claríssimo inimigo da democracia ocidental³⁰.

Embora a URSS se visse temporariamente livre de guerras ou da fome após a década de 20, o terror estatal alcançava todos os campos sociais. Stalin, em sua paranóia, enxergava inimigos potenciais em todos os ramos de atividade estatal, militar ou social. Suas repressões internas (com a intervenção da NKVD – Agência Secreta Soviética) estipulariam cotas diárias de assassinatos para a “segurança” da nação socialista. Com o regime fechado para o exterior, e com a URSS fora da Liga das Nações, Grã-Bretanha e França tratavam rumores de atrocidades advindas desta potencia como mero boato.³¹

O Japão executou suas agressões internacionais como uma natural forma de alimentar o que consideravam como uma nascente potência militar no extremo oriente. O Império Japonês, embora estivesse ao lado da Triplice Entente (EUA, França, Grã-Bretanha) durante a Primeira Guerra Mundial, foi pobremente favorecida ao término do conflito. Na década de 30 o território Chinês e as colônias das grandes potências européias eram vistas como grandes abastecedores de sua economia, tornando-se alvos tentadores ao expansionismo japonês.³²

³⁰ Ibid. p. 163.

³¹ Ibid. p. 160.

³² BOOTH, Owen e WALTON, John, **A História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Europa, p.110.

1.4.2 - Prelúdio a Guerra (1934 – 1939).

A partir do momento em que Adolf Hitler ascendeu ao poder na Alemanha Nazista, a Liga das Nações passou a enxergar seriamente sobre um possível cenário de guerra entre as potências militares que se formavam na Europa e na Ásia. França e Grã-Bretanha já haviam se alertado pela ascensão de Mussolini ao governo italiano durante a década de 20, e o golpe de estado na Alemanha mostrou claramente que os governos fascistas tornar-se-iam inimigos das potências ocidentais européias.

Um exemplo do que poderia vir a seguir dá-se sobre a impossibilidade de ação por parte da Liga das Nações de evitar a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939). Pior que esta inevitabilidade, foram as ações tomadas pelos governos fascistas e comunistas durante este conflito. A Alemanha apoiou as tropas do General Franco, e utilizou a força aérea em cidades espanholas de forma criminosa, massacrando civis aos olhos de toda a comunidade internacional. Neste ínterim, a URSS cedia treinamentos militares e armas aos dissidentes comunistas que lutavam contra Franco. Ao final do conflito, Franco tomou o poder, e a Espanha tornou-se mais um país fascista.

Enquanto os conflitos ocorriam sem a devida ação da Liga das Nações, Hitler anexou quase todos os territórios fronteiriços perdidos pelo Tratado de Versalhes, além de anexar a Áustria e a Tchecoslováquia em 1938. A Liga das Nações concedia territórios que a Alemanha havia perdido em 1918 assumindo erroneamente a idéia de que arrefeceria a sede imperialista de Hitler, negligenciando totalmente o já frágil equilíbrio político na Europa³³.

A partir deste pressuposto, Grã-Bretanha e França tentaram iniciar acordos com a URSS para que entrasse na Liga das Nações, a fim de equilibrar os poderes contra uma possível aliança fascista. A partir deste ponto é importante informar:

- “A Liga das Nações, após ceder a Tchecoslováquia a Adolf Hitler, obteve uma declaração formal do próprio Fuhrer de que ele não faria mais pedidos de concessões territoriais europeus.

³³ IBOTH, Owen e WALTON, John, **A História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Europa. pp. 12-13.

- Após a reunião da delegação enviada a Moscou pela Liga das Nações com Stálin, este se sentiu ultrajado pela forma como foi tratado suas considerações a respeito do Leste Europeu (principalmente ao falar sobre a fronteira da Polônia e sobre a independência das Repúblicas Bálticas, algo que o governo soviético ativamente protestava a seu favor), e retirou-se das negociações com a Liga. Ao mesmo tempo, Stalin passou a sondar negociações comerciais com a Alemanha Nazista.
- Forças militares japonesas, que ameaçavam o extremo leste da URSS, foram massacradas na Batalha de Khalkhin-Gol, contra o Exército Vermelho. Com isso, o Japão perdeu o ímpeto de tentar invadir a URSS e concentrou suas forças militares na Indochina. No final da batalha, Stalin pode movimentar suas forças militares para a fronteira oeste da URSS³⁴.

Hitler, ao perceber o insucesso da Liga das Nações, pela primeira vez, cogitou a invasão ao território da Polônia, pois já considerava desnecessárias as considerações a respeito da autonomia de Dantzig. Após iniciar as conversações sobre uma improvável aliança secreta com a URSS, ambas as potências vislumbravam que, embora a paz possivelmente não fosse duradoura, pelo menos não sofreriam retaliações imediatas das potências ocidentais caso se aliassem.

Stálin aderiu ao Pacto de Não Agressão com a Alemanha, desde que pudesse invadir a fronteira leste da Polônia até um determinado limite territorial presente neste mesmo tratado. Com isso, Hitler obteria sinal verde para a ocupação da Polônia, e para agir no Oeste, caso fosse necessário³⁵.

Interessante notar que a partir deste ponto, o Jornal Correio fez suas primeiras abordagens contextualizando a situação na Europa. Como o Jornal Correio ainda não era diário no ano de 1938, é a partir das vésperas do conflito que as notícias chegam com mais vigor, embora de uma forma pontual, sem uma discussão densa sobre o que estava levando ao conflito, e muitas vezes com notícias abordando sucessos em negociações efetuadas pela Liga Das Nações ou sobre o fato de Adolf Hitler tentar

³⁴ DAVIES, Norman. **Europa na Guerra (1939 – 1945) - Uma vitória nada simples**. São Paulo: Editora Record, 1ª Edição, 2009. pp. 170-171.

³⁵ Ibid. p. 173.

procurar a paz. Somente em 30 de Agosto percebe-se claramente sobre o que está prestes a acontecer com a Polônia:



9. Jornal Correio - 30 de Agosto de 1939 – Antes do início da guerra, as notícias do Jornal Correio oscilavam entre se de fato ocorreria a guerra ou não.

De acordo com a bibliografia estudada, foi a partir deste ponto que o governo Nazista iniciou cínicas negociações com diplomatas poloneses com suas considerações de aliança e ocupação, refutadas imediatamente pelo governo polonês, aliada da Grã-Bretanha e França. A Polônia se pôs em estado de alerta máximo, pois temia um ataque a qualquer momento. A Liga das Nações orientou o governo polonês a evitar qualquer movimentação militar que provocasse os alemães. Ao receber a resposta do governo polonês, a Alemanha Nazista moveu suas unidades militares para a fronteira com a Polônia. Era final de Agosto de 1939. Tropas da SS utilizaram prisioneiros políticos e os vestiram com uniformes militares poloneses, executando-os logo em seguida. Baseando-se esta improvisada farsa, a Alemanha veiculava em seus jornais uma possível agressão polonesa em um ataque a um posto de fronteira³⁶.

Em 1º de setembro de 1939, a Alemanha iniciou a invasão da Polônia. França e Inglaterra declararam guerra à Alemanha. Duas semanas depois, URSS ocuparia a parte oriental da Polônia. A guerra na Europa havia recomeçado³⁷. E o Jornal Correio iniciou sua abordagem do início do conflito com uma reportagem de primeira folha:

³⁶ DAVIES, Norman. Op. Cit. p. 175.

³⁷ Ibid. p. 176.



10. Jornal Correio, 2 de Setembro de 1939 – A notícia sobre o início da Segunda Guerra Mundial chegou por meio da Radio Difusora sediada em Belo Horizonte. Algumas notícias sobre o que ocorria na Europa ou no Pacífico durante o conflito tinham atrasos de dias ou até semanas.

Capítulo 2 – O Jornal Correio e a Segunda Guerra Mundial

2.1 - A primeira fase da guerra – O pacto nazi-soviético.

Setembro de 1939. Forças alemãs irromperam a fronteira da Polônia. Ao contrário do que grande parte da historiografia acerca do tema apresenta a invasão da Polônia não foi uma ação simples. Pela primeira vez a Wehrmacht e a Luftwaffe foram empregadas em grandes ações de Blitzkrieg e, a resistência do exército polonês teve uma eficiência até maior do que apresentado pelo exército anglo-francês no ano de 1940.

De antemão, é importante pontuar que as abordagens do Jornal Correio por todo o conflito se deram de forma resumida dependendo do que acontecia no campo de batalha. Tal fato baseia-se talvez pela pouca relevância que tais ações tinham no panorama geral da guerra. Mesmo considerando o caráter informativo, deve-se levar em conta como as notícias eram veiculadas. Mesmo o mais erudito dos leitores teria muita dificuldade para entender a localidade de tais batalhas, quanto mais às conseqüências na geopolítica de determinadas regiões abordados em determinados eventos. Temos aqui um exemplo dentre as centenas de notícias com a mesma configuração nas edições posteriores:



11.

11. Jornal Correio, 3 de Setembro de 1939 – De Setembro a Dezembro de 1939, a Turquia era citada como um dos países que possivelmente participaria da Segunda Guerra Mundial devido as perdas territoriais durante a Primeira Guerra Mundial. Tentativas de aliança em ambos os lados do conflito foram feitas, mas a Turquia permaneceu neutra até o fim da guerra.

Ainda sobre o Jornal Correio, vale a pena lembrar que o Jornal ainda era recente no mercado, com concorrência a lidar, algo que caracterizou de forma decisiva quanto ao espaço utilizado para a divulgação de notícias sobre a guerra. Dando prioridade as notícias de publicidade ou problemas inerentes a cidade, a Segunda Guerra Mundial só ganhava destaque quando algum acontecimento retumbante virava notícia no cenário mundial. O Jornal Correio era composto por quatro páginas, com notícias que se iniciava em uma determinada página, e terminava em uma outra página sem qualquer segmento lógico (Por exemplo, notícias que se iniciavam na página dois e terminava na página quatro e vice-versa). Muitas vezes, as notícias do front anunciavam uma continuação no fim da primeira parte do artigo, quando de fato não tinha, ficando incompletas.

Voltando ao cenário da guerra, ocorreram pelo menos três fatores fundamentais para a queda da Polônia. Em primeiro lugar, conforme citado anteriormente a Liga das Nações orientou o governo polonês a evitar qualquer movimentação militar que contrariasse a Alemanha, e isso atrasou severamente os preparativos de defesa da Polônia. Em segundo lugar, França e Grã-Bretanha não

moveram nenhuma divisão militar contra a Alemanha, embora tenham declarado guerra pela quebra do código de paz da Liga das Nações³⁸. Contudo é interessante notar que, talvez pela confusão no início do conflito ou até mesmo pela censura e propaganda de guerra, temos notícias no Jornal Correio exaltando vitórias francesas (que não ocorreram), ou sobre a forte resistência dos poloneses dentro de Varsóvia:



12.

12. Jornal Correio, 9 de Setembro de 1939 – As imprecisões sobre as notícias ocorriam com frequência no início da guerra.

O terceiro fator, que até recentemente foi pouquíssimo explorado, se dá ao fato de que a URSS abriu um novo front de batalha ao ocupar o Leste da Polônia. Levando uma dupla invasão, em quatro semanas o governo polonês capitulou. Paradas militares na “Fronteira da Paz” reuniram bolcheviques e nazistas para comemorar a anexação dos novos territórios³⁹.

³⁸ DAVIES, Norman. **Europa na Guerra (1939 – 1945) - Uma vitória nada simples**. São Paulo: Editora Record, 1ª Edição, 2009. pp.95-97.

³⁹ ROBERTS. Andrew, **A Tempestade da Guerra**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 61.



Figura 13 – Jornal Correio, 19 de Setembro de 1939 – A entrada da URSS na guerra ao lado da Alemanha Nazista.

Deve-se abrir um parêntese no final destas ações. Em uma floresta do leste polonês, perto do fim da guerra, foram descobertas covas coletivas com, pelo menos, 25.000 corpos de oficiais do exercito polonês. A URSS atribuiu tal crime de guerra a Alemanha Nazista. Após a queda do regime soviético, documentos com ordens de Stalin para o fuzilamento destes oficiais (provavelmente a nata do exercito polonês), o incriminaram como mandante deste crime de guerra. Obviamente este crime de guerra não foi exposto como notícia pelo Jornal Correio, já que tal informação era inalcançável para qualquer nação na época deste episódio⁴⁰.

Após a anexação, Hitler preparou planos para as ações na fronteira oeste, enquanto Stalin se preparava para atacar a Finlândia. Grã-Bretanha e França assistiam o mapa político da Europa ganhar novos contornos:

⁴⁰ DAVIES, Norman. Op. Cit. pp. 207-208.



13.

13. Jornal Correio, 13 de Outubro de 1939 – A Finlândia é cogitada como o próximo país a sofrer uma invasão.

A Guerra Invernal (Novembro de 1939 a Março de 1940), tal como é lembrado o conflito entre a URSS e a Finlândia, mostrou o quão desfalcado o Exército Vermelho se encontrava devido os expurgos da década de 30. Embora contassem com uma força virtualmente esmagadora, as tropas de Stalin estavam desorganizadas, sem líderes capazes de conduzir uma invasão e desacostumados a atacar um inimigo familiarizado com o terreno natal. Quase todas as tentativas de invasão do território polonês até fevereiro de 1940 falharam. E o Jornal Correio veiculou com veemência as vitórias da Finlândia contra a URSS:



14.

14 – Jornal Correio, 5 de Janeiro de 1940 – As primeiras notícias sobre a Segunda Guerra Mundial em 1940 era exposta com exaltação as vitórias conquistadas contra a URSS. Curiosamente, o Jornal Correio nada noticiou quando, meses depois, a Finlândia seria obrigada a capitular por exaurir seus recursos.

A grande resistência dos soldados finlandeses surtia efeitos. A utilização de esquis, atiradores de elite e coquetéis molotov nas colunas de blindados em ações de guerrilha surpreendiam os ataques soviéticos. Após a chegada do Marechal Jukov (um dos poucos remanescentes dos expurgos e vencedor da batalha de Khalkhin-Gol contra os Japoneses), o Exército Vermelho foi totalmente reorganizado para a ofensiva. Atacado em 16 fronts diferentes, e no limite de suas provisões materiais, a resistência finlandesa ruiu⁴¹.

A respeito do Jornal Correio neste primeiro ano da Segunda Guerra Mundial, é possível notar algumas características que permearão as suas formas de abordagens a respeito do que se pensa sobre este conflito. Em primeiro lugar, o Jornal sempre inicia os seus textos com alguma citação a respeito da origem da notícia (boa parte das notícias sobre a guerra vinham do Rio de Janeiro ou de Belo Horizonte) e o seu autor, oscilando entre o que chegava de notícia das capitais, até a entrevistados locais da cidade de Uberlândia, como o editor do jornal ou convidados da elite uberlandense que dissertavam sobre a guerra.

Uma abordagem bem interessante é sobre negociação de paz proposta por Hitler ao anexar a Polônia:

“Propostas de Paz

Mesmo os pacifistas mais sinceros hesitam em encorajar seus governos a estudarem cuidadosamente as ‘propostas de paz’ do Sr. Hitler. (...) Houve uma época em que toda sugestão de paz era recebida ruidosamente, por pequena que fosse. (...) Entretanto, a exceção de uma ou outra voz, o discurso do Sr. Hitler, no qual se encaixam estranhas propostas de paz, não provocam o entusiasmo dos que odeiam a guerra nem redundou, por ora, em nenhum movimento sério para por o fim a guerra.

Compreende-se que assim seja: Em primeiro lugar, as próprias propostas podem fazer parte da guerra. Podem constituir uma técnica nova destinada a fazer com que os aliados protelem um ataque na frente ocidental, dando tempo a Alemanha de transferir suas tropas e material de guerra das fronteiras orientais para as ocidentais.

⁴¹ DAVIES, Norman. Op. Cit. pp. 98-99.

Em segundo lugar, as propostas podem fazer parte da guerra de propaganda. O rádio vem alterando a natureza das relações internacionais e os ‘putsches’ radiofônicos, jornalísticos, culturais e psicológicos, fazem parte da técnica nova de guerra.

(...) Há, finalmente, muita gente que considera que não pode haver paz antes da derrota completa e decisiva do Hitlerismo.

(...) Naturalmente a França e a Inglaterra não podem aceitar as propostas de paz nas condições ditadas pelo inimigo porque isso seria uma capitulação para eles e uma vitória para a Alemanha. A Paz que Hitler deseja representa uma vitória moral. Seria uma paz de benefícios unilaterais, uma trégua armada. Ora, a verdadeira paz é a que nasce de um ambiente de confiança mutua.”⁴²

Temos, a partir da citação acima, um importante diálogo sobre o que seria a paz proposta por Hitler. Nota-se que o Jornal Correio mantém a imparcialidade sobre o significado desta paz, já que a primeiro momento não se nota a fragilidade das posições entre a França e a Inglaterra no cenário da Guerra.

Embora o eixo parecesse um bloco coeso, mesmo com a URSS em uma aliança dantesca com um regime que fomentava ódio contra o comunismo, houve alguns atritos abordados pelo Jornal Correio a respeito desta inusitada coalizão:



15. Jornal Correio, 17 de Setembro de 1939 – A URSS em uma aliança inimaginável para os países ocidentais.

⁴² Jornal Correio, 13 de Setembro de 1939.



16.

16. Jornal Correio, 10 de Janeiro de 1940 – A Romênia foi um dos países que esteve em disputa desde 1940 devido as suas vastas reservas de petróleo e possivelmente se tornou um dos estopins para a guerra de agressão da Alemanha Nazista contra a União Soviética.

As notícias relatadas acima apresentam informações bem atípicas daquele momento da guerra: Primeiro, uma possível aliança totalitária capaz de desequilibrar a ordem mundial (Set. 1939) para uma possível ocupação Italiana na Romênia, caso haja agressão por parte da URSS (Jan. 1940). Seguindo a ordem de notícias veiculadas desde o início da guerra, percebe-se que o Eixo estava longe de ser uma aliança amistosa para a URSS segundo as notícias expostas acima.

Em 1940, Hitler oferecia sua “proteção” a Noruega e Dinamarca (Abril – Maio de 1940). Governos-fantoches foram instaurados através da força, com a desculpa de que o Reich estava oferecendo proteção contra as nações ocidentais. Tropas Inglesas e Polonesas tentaram evitar a ocupação da Noruega, mas se retiraram na cidade portuária de Narvik⁴³.

Para Hitler agora só restaria o front oeste. Desde o começo da guerra, as tropas francesas ficaram estáticas na relativa proteção da Linha Maginot, uma rede de fortificações na fronteira com a Alemanha, que serviria de escudo contra qualquer ofensiva alemã, desde que os ataques fossem feitos aos mesmos moldes da Primeira Guerra Mundial, ou seja, apenas por infantaria. Tida como inexpugnável, as tropas francesas e inglesas esperaram pelo inimigo que não despontava no horizonte.

Os generais de Hitler planejaram algo mais sofisticado: atacar a França pela floresta das Ardenas. Esta floresta, localizada na Bélgica, servia como barreira natural

⁴³ DAVIES, Norman. Op. Cit. pp. 99-100.

contra ataques militares, já que se tratava de uma floresta fechada, com precárias estradas e grandes desfiladeiros. Se o ataque obtivesse sucesso, o flanco norte francês seria completamente dominado. Para que o ataque desse certo, Hitler atacou a Holanda e a Bélgica em um típico ataque de agressão a países neutros. Após a ocupação destes dois países, a França foi ridiculamente dominada, apresentando uma resistência menor do que visto na Polônia. Em desespero, grande parte das tropas anglo-francesas ficaram encurraladas no porto de Dunkerke, aguardando uma retirada milagrosa que a marinha Real executaria na fase final desta batalha. Paris foi declarada uma cidade livre para fugir da destruição, e o governo fantoche de Vichy foi promulgado no sul do território francês⁴⁴.

Enquanto Hitler ocupava a França, Stalin concedia sua “proteção” aos países bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), quase aos mesmos moldes que Hitler fez a Noruega e Dinamarca. Com receio de invadir militarmente cada república, Stalin cercou cada uma delas com numerosas tropas e ofereceu “proteção contra agressões externas”.

É importantíssimo citar que neste período acima mencionado (Fevereiro – Agosto de 1940), não obtive sucesso ao tentar pesquisar as fontes relacionadas ao Jornal Correio. A pasta relativa a este período (Pasta Três) esteve em restauro, e mesmo após dois anos solicitando pesquisa em cima desta pasta, não obtive sucesso. Percebi também que algumas pastas pesquisadas (tais como as pastas Oito e Nove) estavam muito degradadas, quase impossibilitando suas pesquisas, acabando por fim com a minha própria solicitação de restauro ao obter a fonte que eu necessitava para este estudo⁴⁵.

A Itália e o Japão, em função do Pacto Tripartite, declararam guerra a Grã-Bretanha, que se tornou a única potência aliada a guerrear contra o totalitarismo. Para Hitler só restaria a ilha britânica para finalizar sua guerra no oeste⁴⁶.

Foi planejado um ataque anfíbio, mas para que tivesse sucesso, a Operação Leão Marinho deveria contar com total supremacia aérea. A partir de Julho de 1940, até o final de 1941, a Grã-Bretanha sofreria grandes ataques aéreos⁴⁷. O desempenho da

⁴⁴ DAVIES, N. Op. Cit. pp. 100-101.

⁴⁵ Esta dificuldade também esteve presente durante quase todo o processo de pesquisa quando necessitei da Pasta Dois, que voltou do restauro no último semestre de estudos.

⁴⁶ Id.

⁴⁷ Ibid. pp. 104-105.

RAF⁴⁸ e os radares ingleses desempenharam um papel vital para a sobrevivência do Império Inglês. As notícias sobre a RAF e a Luftwaffe nos céus são abordadas das mais variadas formas pelo Jornal Correio, que noticiava desde o tipo de armamento utilizado, até as estratégias postas em práticas no campo de batalha aéreo:



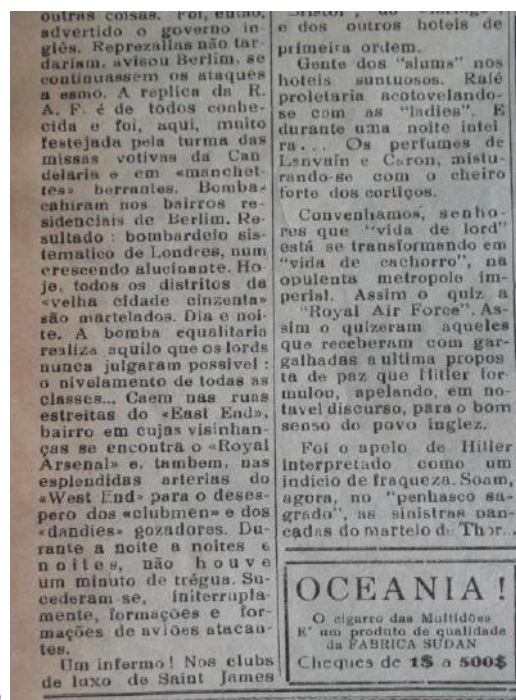
17, 18, 19. - Jornal Correio, 12 de Agosto de 1940 – Várias partes do Jornal Correio foram utilizadas nesta formatação a fim de expor a batalha aérea entre Alemanha e Inglaterra.

⁴⁸ Royal Air Force: Força Aérea Real, responsável pela defesa do espaço aéreo no Império Britânico.

Nota-se um ponto curioso acerca das notícias sobre a Batalha da Inglaterra: Enquanto a batalha ocorria acima do Palácio de Buckinham ou nos céus de Berlim, o Jornal Correio, e a Radio Difusora de Belo Horizonte (que disponibilizava as informações para o jornal) deixaram suas imparcialidades de lado. Enquanto que em uma determinada edição Adolf Hitler era apontado como um Grande Estrategista, em outras edições as notícias de capa flagravam a decadência do Império Britânico que insistia em viver um mundo geopoliticamente incompatível. As notícias acerca do que acontecia a Inglaterra iam desde a decadência de seu Imperialismo, passando pelas ultrapassadas táticas de guerra, chegando a ponto de ridicularizar a o cotidiano sofrível dos civis que tinham de conviver com o alarme dos abrigos antiaéreos:



Jornal Correio - Setembro de 1940 – Resumo sobre Adolf Hitler, exposto como um brilhante estrategista.



22, 23. - Jornal Correio, Setembro de 1940 – Nesta notícia, a Inglaterra é exposta como um Império desmoralizado e decadente, com descrições irônicas sobre a mudança do ritmo de vida do cidadão inglês.

Assim, toda a imparcialidade a respeito da proposta de paz no início de 1940 se perdeu a partir do momento que a Alemanha ocupou a França e se tornou a potência principal da Europa. Houve uma “demonização” da Inglaterra, enquanto a Alemanha de Hitler aparece como suprema vitoriosa nos campos de batalha. Estas e outras notícias de mesmo teor ocuparam páginas e páginas do Jornal Correio em 1940. Embora o discurso nos textos do Jornal Correio ainda não tenha indícios de apologia ao Nazismo, é inegável que a imparcialidade se perdeu no decorrer dos resultados no conflito nos últimos meses.

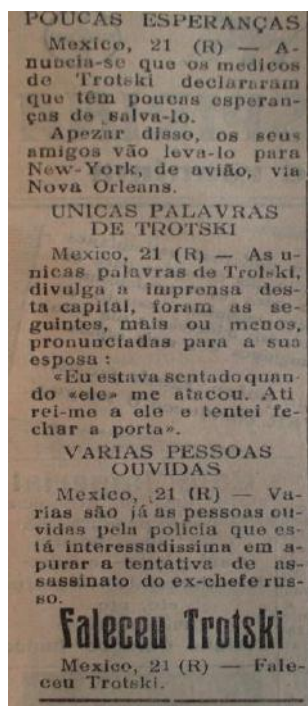
Paralelo a isso temos as primeiras notícias a respeito dos EUA quanto ao seu posicionamento sobre o conflito na Europa. Suas principais notícias estão interligadas às questões pautadas no isolacionismo quanto ao conflito e sobre a Doutrina Monroe:



24.

24. - Jornal Correio, Agosto de 1940 – Primeira menção sobre os EUA e a guerra.

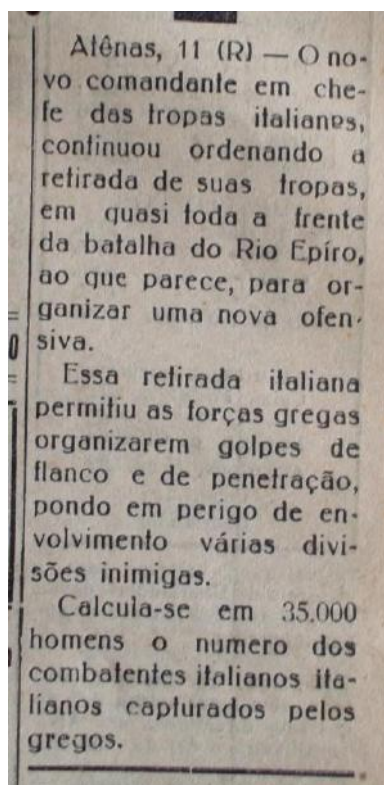
Neste ínterim, a URSS era citada indiretamente em uma pequena nota que falava sobre a morte de Trotski:



25.

25. - Jornal Correio, 22 de Agosto de 1940 – Esta é a única menção feita sobre a URSS no ano de 1940, com a notícia sobre o assassinato de Trótski.

Enquanto a batalha pela Grã-Bretanha ocorria, a Itália se envolveu em uma série de conflitos que implicaria sérios problemas a suas forças armadas e que causaria severos reveses no decorrer do esforço de guerra alemão. Mussolini atacou colônias britânicas no norte da África (1940 – 1941) e foi rechaçado de tal forma que solicitou a ajuda alemã para o conflito. Pressionado pela propaganda de uma grande vitória italiana, Mussolini decidiu invadir a Grécia. Da mesma forma, sua tentativa de invasão a Grécia (1940 – 1941) foi um completo desastre. Os mapas do exército italiano eram antiquados, o terreno grego muito acidentado, e as forças de resistência grega apresentaram uma fortíssima resistência. O totalitarismo italiano sofreu um duro golpe. Hitler correu ao seu socorro e ocupou os Bálcãs com extrema violência. O Jornal Correio vinculou as notícias sobre a Itália no norte da África de forma bem resumida, sem discussões profundas acerca deste front. Quanto a Grécia, as citações seguiram-se da mesma forma.

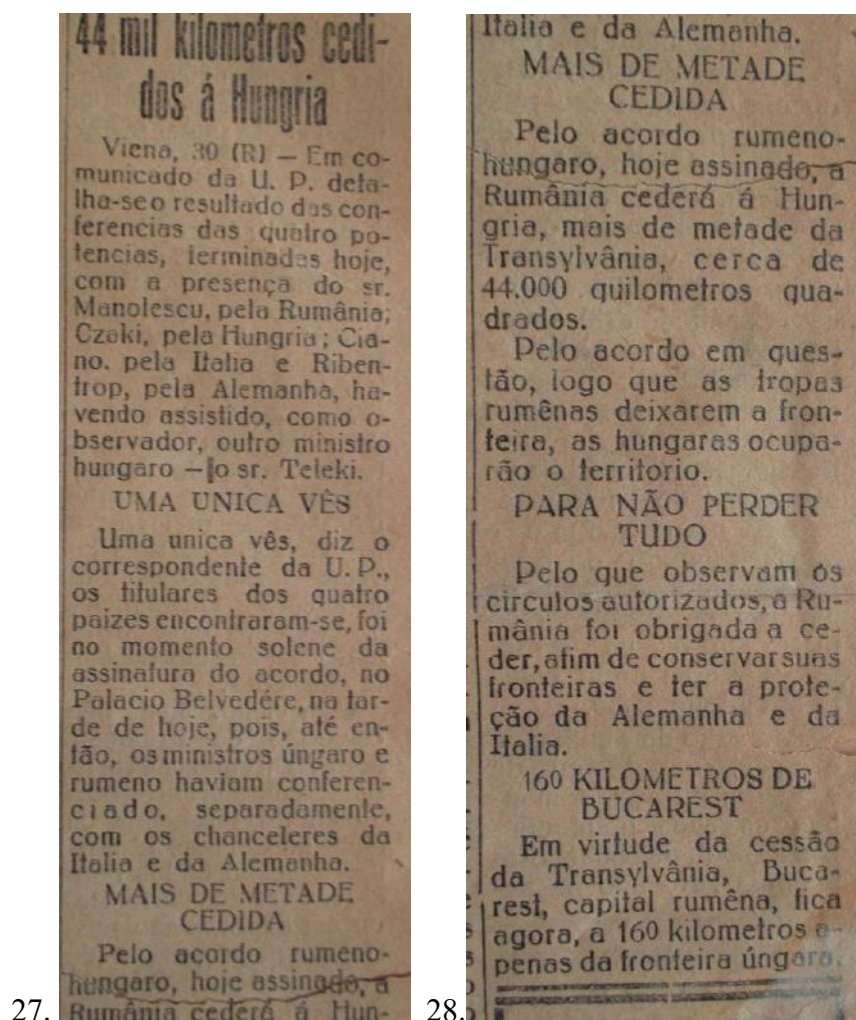


26.

26. - Jornal Correio - Maio de 1940 – Invasão da Itália na Grécia.

Assim que a Grécia caiu, a resistência agiu na clandestinidade. Nesta operação, é interessante citar a tentativa de ocupação da Ilha de Malta por pára-quedistas alemães. O numero de baixas foram tão atípicos que Hitler nunca mais ousaria a utilizar este tipo de força táctica novamente. Em contrapartida, forças tácticas pára-quedistas seriam amplamente utilizadas pelas potências ocidentais em um futuro próximo. O problema é que o Jornal Correio nem abordou este episódio.

Enquanto os Bálcãs eram atacados, a Romênia entraria para o hall das nações “protegidas” pelo Eixo, conforme vemos na figura a seguir:



27, 28. -Jornal Correio – 1º de Abril de 1940 – Romênia torna-se um dos satélites do eixo.

Rico em petróleo, Hitler anexou um território que também interessava aos soviéticos, e isso o fez pensar pela primeira vez em atacar a URSS, já que este último visava anexar partes do território romeno. A Romênia também não era o único país a adotar a “proteção” do Eixo. Seguindo esta doutrina, Hitler ofereceu tal “proteção” a Iugoslávia que declinou o pedido de ocupação. Hitler resolveu utilizar a força. Enquanto as colunas nazistas atravessavam este país, houve um golpe de estado e a própria Iugoslávia se viu em face de uma guerra contra o nazismo em meio a uma guerra civil. A ação de partisanos (guerrilheiros) foi a mais notável resistência naquele país até o fim da guerra⁴⁹.



29. – Jornal Correio – 6 de Abril de 1941 – Dentre as pouquíssimas notícias a respeito da situação Romena, a Iugoslávia, que não aceitou a proposta de ocupação da Alemanha, entrava para o rol dos países que sofreria ataque da máquina de guerra Nazista.

No final de 1940, o Jornal Correio publicou um resumo de todos os acontecimentos da guerra ocorridos até então. Nota-se claramente a ênfase do jornal em mostrar o gênio de Adolf Hitler e a fraqueza da França e da Inglaterra ao tentar defender a Europa Ocidental:

⁴⁹ DAVIES, N. Op. Cit. pp. 107-111.



29.

29. – Jornal Correio, Dezembro de 1940 – Neste resumo é possível visualizar com clareza a forma como o Jornal exaltava as ações do Eixo enquanto a Inglaterra e os EUA apresentam sinais de fraqueza e derrota.

Após estes eventos, Hitler ordenou aos seus generais a construção do plano de codinome Barbarossa em segredo para a invasão da União Soviética.

Stalin, enquanto ocupava territórios do leste europeu, pouca menção fez aos crescentes números de divisões alemãs que se encontravam reunidas na fronteira polonesa. Até o último minuto, Stalin acreditou na firmeza do tratado Nazi-Soviético. Embora recebesse informações de que uma invasão iminente poderia ocorrer no oeste, parecia que o líder soviético pouca menção faria ao problema, se não tivesse a certeza absoluta de que isto aconteceria.

Em junho de 1941, três grandes grupos de exército alemão, com dezenas de milhares de soldados, além de um grande contingente aéreo irromperam na “fronteira da amizade”.⁵⁰

⁵⁰ Ibid. pp. 114-118.

Antes de abordar a grande virada no contexto da Segunda Guerra Mundial, é necessário expor brevemente algumas dificuldades que o Jornal Correio passava em 1941. Uma delas a questão da dificuldade econômica. Em alguns números deste jornal, temos boletins solicitando que assinantes inadimplentes quitem suas assinaturas, mostrando-nos que alguns leitores não levavam muito a sério a concorrência do Jornal Correio com os demais jornais de Uberlândia:

UM APELO AOS NOSSOS ASSINANTES

Já estamos no ano de 1941, entretanto, temos uma quantidade bem avultada de assinantes que não se dignaram pagar suas assinaturas.

Dessa forma, como poderemos manter um jornal diário?

E' mister que todos auxiliem e contribuam para que tenhamos diariamente um jornal que defenda o interesse do povo e o progresso da cidade.

Não sendo assim, torna-se quase impossível tal iniciativa.

Assinantes há que não pagam suas assinaturas e quando se vêem cobrados, displicentemente devolvem o jornal, depois de receberem diariamente, meses e meses.

Tal atitude deselegante e que revela uma esperteza pouco decente, nós a registramos para oportunamente desmascarar os que se julgam tão esprezinhos.

Agora que vamos fazer uma grande reforma em nossas oficinas, necessário se faz que todos dêem o seu apoio, moral e material.

E' o que esperamos dos que desejam a prosperidade da nossa cidade.

Bicicletas NOVAS
Para Aluguel
só com
Ataliba Moreira
Pr. Benedito Valadares 12

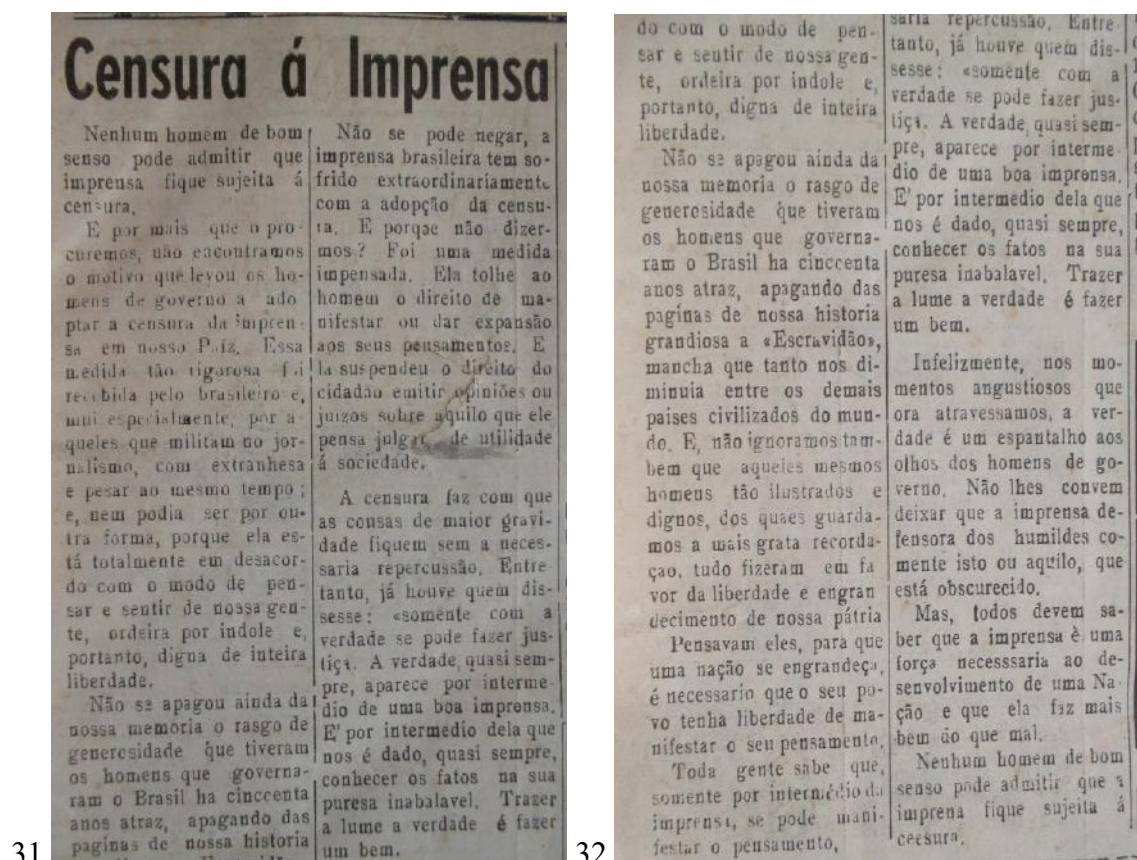
A ELETRICA
Vitrolas — Discos
e artigos para radica
Praça Benedito Valadares

30.

30. – Jornal Correio, Janeiro a Junho de 1941 – Durante este período o Jornal correio publicou quatro notícias como esta exposta acima para tentar lutar contra a inadimplência nas assinaturas de seus leitores.

Além deste primeiro revés, nos primeiros seis meses de 1941, que antecederam a operação Barbarossa, as notícias sobre a guerra ganharam um caráter cada vez mais resumido. Isso se deve ao fato que, por algum motivo que se diz respeito ao conteúdo do Jornal Correio, a censura do D.I.P deu seus primeiros sinais. Isto gerou

uma manifestada insatisfação, e fez com que as notícias do front tivessem um caráter resumido, a fim de preservar a neutralidade do Brasil no cenário de guerra europeu. De qualquer forma, mesmo sendo uma cidade pequena, o Jornal Correio publicou uma notícia ousada, na qual o D.I.P poderia optar por simplesmente fechar as portas da editora:



31, 32. – Jornal Correio, Janeiro de 1941 – Manifestação do Jornal Correio contra as ações da D.I.P.

Neste interim, após a veiculação desta nota acima, de acordo com o Jornal Correio o Brasil manteve-se neutro diante a face da guerra. Este discurso de neutralidade e de culto à personalidade de Getulio Vargas tornava-se cada vez mais comum com o decorrer da guerra até 1942, parte disso devido à censura interna:



33.

33. - Jornal Correio, Janeiro de 1941.

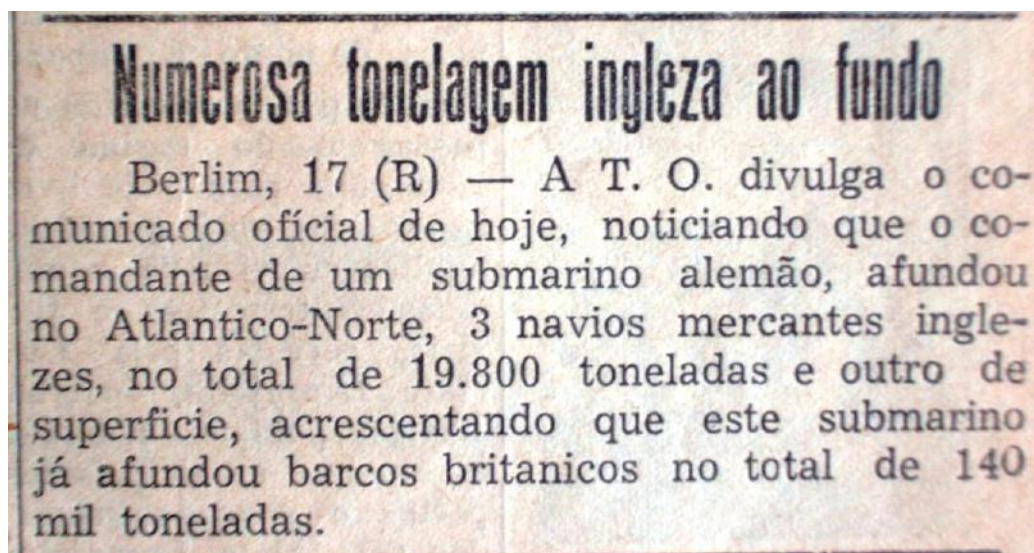
Quanto aos Estados Unidos, o Jornal Correio veiculou uma notícia que mudaria o contexto da guerra, caso de fato o que estava previsto se concretizasse: Na mesma notícia, temos um Japão que se prepara para atacar os EUA enquanto a URSS concederia a Alemanha o direito de transportar suas tropas em território Soviético a fim de auxiliar os Japoneses, caso a batalha contra a Inglaterra tivesse um desfecho positivo. Notícias totalmente atípicas com a realidade do conflito eram comuns no Jornal Correio e provavelmente eram fontes de contra-informação:



34.

34. - Jornal Correio, 10 Março de 1941 – A notícia acima provavelmente expõe contra-informações dos países do Eixo, a fim de ludibriar o inimigo quanto ao futuro de suas ações.

Sobre a Inglaterra, após a invasão de Creta, as notícias se resumiram ao teatro de operações no Oceano Atlântico, com as batalhas entre a Marinha Mercante contra os U-boot alemães:



35. – Jornal Correio, 18 de Fevereiro de 1941 – Notícias sobre as batalhas no Oceano Atlântico eram expostas de forma bem resumida em um pequeno trecho do jornal, geralmente informando as forças envolvidas e a tonelagem afundada.

A característica mais gritante neste período de seis meses que antecede a Operação Barbarossa é que mesmo com a censura da D.I.P apertando o cerco contra o Jornal correio, houve em algumas numerações a propagação de notícias de caráter anti-semita, e algumas destas notícias continha até apologia ao Nazismo:

Um problema

Rafael de Holanda

Já tivemos oportunidade de focalizar, nesta coluna, o que se vem passando, de certo tempo a esta parte, no luxuoso bairro de Copacabana. Enxundiosos israelitas, sem profissão conhecida, mas possuidores, evidentemente, de dinheiro fácil, fazem, ali, a vida mundana, ostentando as suas banhas no branco areal e a sua arrogância nos terços dos "bars" caracteristicamente cosmopolitas. Dispoem os mesmos cavalheiros de fascinante "garçonnières", nas quais organizam os seus "coquetillais" discretos com pequenas lembranças para os "granfinas" que os frequentam: emblemas da R. A. F., em ouro ou madreperla; pijamas de seda lenços com as cores de John Bull e folhetos ricamente impressos e ilustrados com um bom numero de gravuras mais ou menos inconvenientes. A gran-fina recebe o emblema da R. A. F. e passa a usal-o como se fosse um "Balangandam". Pouco se lhe dá que as nossas leis proibam a ostentação de escudos estrangeiros ou de organizações partidarias. Dentro em pouco usará a estrela azul de seis pontas...

xxx

cos. Não tarde ele a fazer parte de «claque» que aplaude, no cinema do bairro, Mister Churchill é que se conserva indiferente diante de tudo que é brasileiro. Alguns membros da classe — Oh! os salafarios — já se prestaram até mesmo a desrespeitar os nossos cadetes — aqueles que conduzem o sabre de Caxias! Tiveram resposta adequada com os aplausos de todos os bons brasileiros. São fortes os grupos que se destinam à nobre carreira das armas.

xxx

Ao que parece, as mesmas «forças ocultas» estão em determinadas lojas do centro da cidade. Nas lojas em apreço faltam roupas de criança com o emblema nacional. Desapareceram aqueles gorros de marinheiro com o nome dos nossos navios de guerra. Abundam, entretanto, as blusas com o emblema da R. A. F. caprichosamente bordado. E os preços são tentadores...

xxx

Que haverá afinal de contas em tudo isso? Dedinho do «Intelligence Service»? Ação subterranea e deleteria do judaísmo?

xxx

36.

nossas leis proibam a ostentação de escudos estrangeiros ou de organizações partidarias. Dentro em pouco usará a estrela azul de seis pontas...

xxx

Vigilante, a volumosa Madame Sarah observa o movimento. E trata naturalmente de atrair para sua loja as "rafiana". Tem labia a rafoir. O emblema serve de pista. Quem o recebeu na "garçonnière" dará mais um passo. Será envolvida, mais cedo ou mais tarde, pela tela subtil da Migdal — uma das mais poderosas organizações judaicas.

xxx

Das atividades do "ghetto" de luxo não escapam, também os "granfinos". Isac tem filhas sedutoras — autenticas "moças modernas", que sabem conversar como ninguém e que são muito "camaradinhas" e "iguais", nas praias e nos "grills" dos casinos:

xxx

Em regra o "granfino" não estuda. Contenta-se em ser um "fils a Papa". Sua ignorancia é qualquer cousa de comvente. Rachel, a lourinha dos bonitos olhos mas um tanto nariguda, aproveita-se da situação e explora o complexo colonial do pobre diabo já super-alimentado pela propaganda dissolvente dos films judaicos.

xxx

Que haverá afinal de contas em tudo isso? Dedinho do «Intelligence Service»? Ação subterranea e deleteria do judaísmo?

xxx

FRACOS E ANEMICOS! Tomem: VINHO CREOSOTADO De Ph. Ch. Jolly de Siles Silvestre. Indispensavel para combater as Perizes: Raquiditas, Bronchites, Etmopneumonias, Chomocistomias. VINHO CREOSOTADO é o guardião da saúde.

CASA

Vende-se uma, otima, de construção recente, sem ter sido habitada, com 8 comodos e todas as instalações necessarias, á rua Felisberto Carrijo, 82. Para informações, procurar esta redação ou o endereço citado. 5-5

Escritorio de publicidade

Para anuncios e reclames de publicidade, propaganda de artigos comerciais. Requerimentos, officios e cartas diversas. Tratar com Sampaio A.

37.

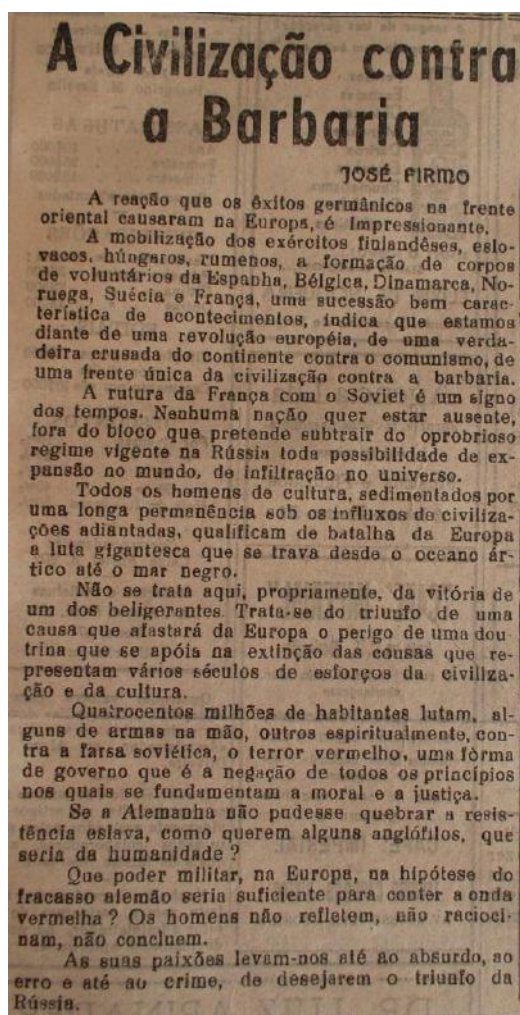
36, 37. – Jornal Correio, Março de 1941 – Neste artigo jornalístico, temos a notícia de um possível grupo agindo como espiões para a Inglaterra, no Rio de Janeiro. Nota-se que o Judaísmo é abordado de forma bem agressiva na apuração desta notícia.

2.2 – A formação da grande coalizão aliada.

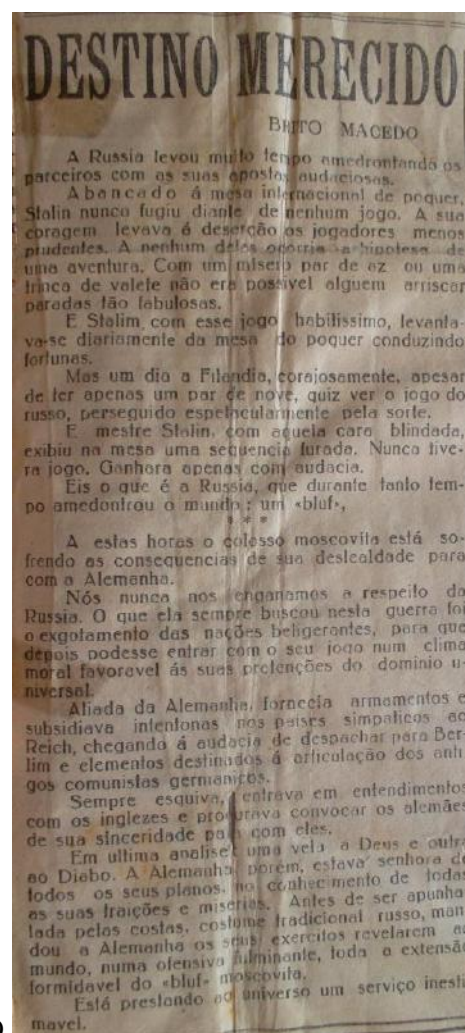
A Operação Barbarossa (Junho 1941 – Dezembro 1941) foi executada para concretizar uma rápida derrota a parte europeia da URSS. O ataque efetuado pela Alemanha Nazista aconteceu com grande ímpeto e selvageria. Os cidadãos do leste europeu, que pela primeira vez enxergavam uma força tida como “libertadora”, viu a ocupação alemã acontecer para depois serem alvos de atrocidades ainda maiores que as sofridas pela NKVD da URSS. A expectativa para a vitória não poderia ultrapassar seis meses, senão o esforço de guerra alemão seria completamente comprometido.

Não haveria misericórdia para os habitantes do Leste Europeu. Hitler considerava as populações do Leste Europeu uma raça subumana, totalmente contrária a evoluída raça ariana. A Alemanha Nazista praticamente eliminou o judaísmo de seu território, enquanto estabelecia campos de concentração e de extermínio na Polônia para populações judias européias (ciganos e homossexuais também encontravam o mesmo destino). Cidadãos poloneses foram convertidos em massa para a mão-de-obra escrava e prisioneiros soviéticos eram sujeitos a maus tratos e experimentos científicos que praticamente significavam sentenças de morte.

O Jornal Correio noticiou o início da Barbarossa de uma forma bem peculiar:



38.



39.

38, 39. – Jornal Correio, Junho de 1941 – Nas imagens acima, temos uma clara menção que o Jornal Correio faz a favor da guerra de agressão da Alemanha contra a URSS, apoiando o aniquilamento de um povo em prol do fim do Comunismo.

A Solução Final para a Questão Judaica (Hitler assim chamava o Holocausto, e a palavra genocídio⁵¹, até então, não existia) iniciou-se com a invasão da URSS. Tropas das SS reocuparam guetos, perseguiram e executaram fugitivos judeus e encaminharam quase toda a população judaica aos campos de concentração.

A vitória nazista parecia completamente plausível. As forças de Stalin estavam completamente desorganizadas, e a força aérea vermelha foi dizimada antes mesmo de sair do solo. Porém, ao chegar a meados de Novembro, a máquina de guerra nazista começou a arrefecer ao rigor do frio russo.

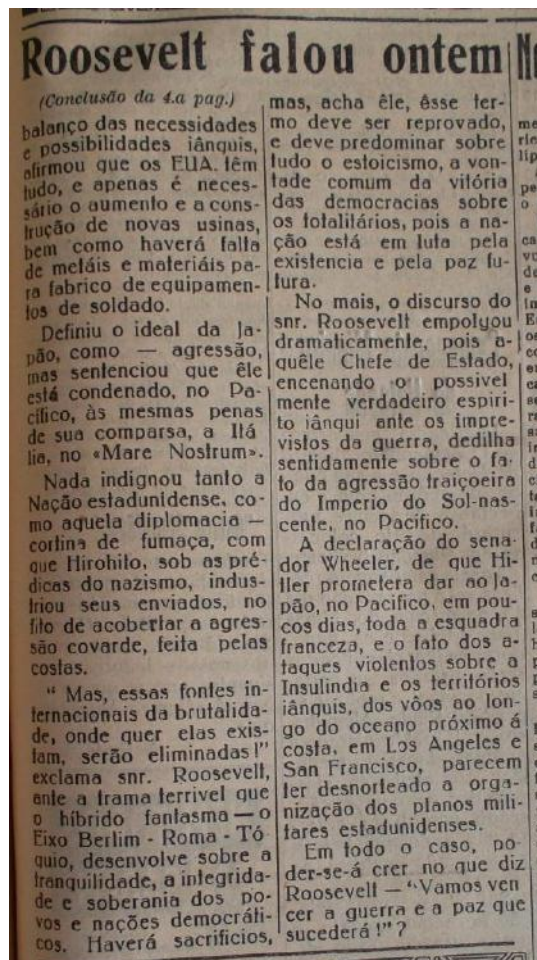
Em Dezembro, forças alemãs chegaram perto de conquistar Moscou, mas sofreram um contra-ataque irreversível e tiveram que se retirar para um front seguro a fim de aguardar o término do inverno.

Então ocorre um acontecimento de primeira página, que o Jornal Correio intitula como “Os ineditismos da Guerra atual”:

⁵¹ A palavra Genocídio foi empregada pela primeira vez em 1943. Vem do Latim *Genus*: “espécie”; *Uccidere*: “matar” - DAVIES, Norman, **Europa na Guerra (1939 – 1945) - Uma vitória nada simples**. pp. 393.



40.



41.

40, 41. – “Os ineditismos da guerra atual” – Jornal Correio, 10 de Dezembro de 1942 – Após 3 dias ao ataque japonês a base norte americana de Pearl Harbour, o Jornal Correio anuncia que os EUA estão em guerra.

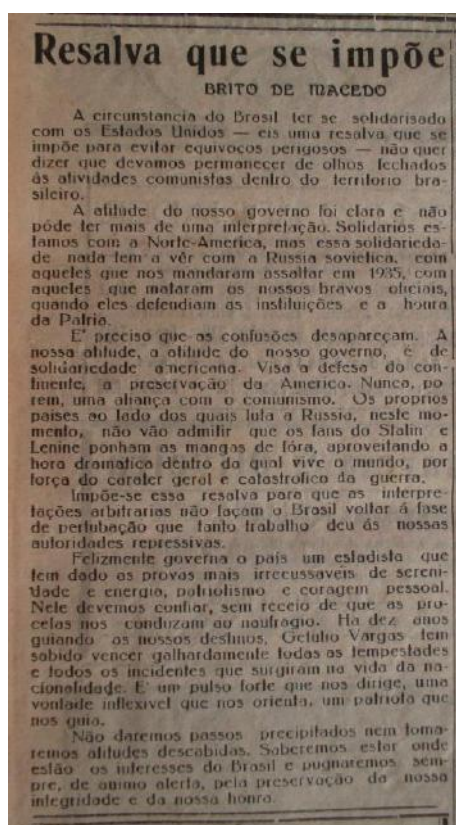
O panorama da guerra mudou radicalmente. Uma nova coalizão aliada estava se formando. Hitler declarou guerra aos EUA, em solidariedade ao Império Japonês, algo que lhe custaria um segundo front de batalha em 1944. Assim, repentinamente, uma nova aliança contra o eixo foi organizada. URSS, EUA e Grã Bretanha lutariam juntas contra as forças fascistas.

A nova aliança, porém, não era estável. Winston Churchill sempre declarou publicamente que era contra o governo comunista soviético, e, meses antes, havia organizado, junto ao governo francês, uma força militar para auxiliar a Finlândia durante a guerra inercial, quando a Liga das Nações ainda estava ativa. Por outro lado, a URSS tornou-se a única nação a confrontar o 3º Reich diretamente e cobraria por três

anos a abertura de um novo front para aliviar a pressão nazista em cima dos territórios no Leste Europeu.⁵²

2.3 – O Brasil e a cidade de Uberlândia no cenário da Guerra.

Após Pearl Harbor, o Brasil se solidarizou aos EUA, deixando aos poucos a sua neutralidade. Ao mesmo tempo, a notícia sobre o impacto do ataque vem com um alerta para que não se confunda solidariedade com os EUA para com solidariedade com a URSS. Abandonando as declarações com apologia ao nazismo, temos um discurso pró-americano, que ao mesmo tempo não deixa de vigiar um inimigo interno que está sendo perseguido desde 1935:



42.

42. – Jornal Correio, Dezembro de 1941 – Nesta notícia, ressalta-se a solidariedade prestada aos EUA, o que não quer dizer necessariamente que esta solidariedade será dada aos comunistas.

⁵² DAVIES, Norman, **Europa na Guerra (1939 – 1945) - Uma vitória nada simples**. pp. 184-189.

Dentre as considerações acerca do comunismo no Brasil, os EUA veiculam páginas e páginas da coleção Readers Digest que diz a Respeito da “Força de Staline na América”. Estranhamente o Jornal Correio dedicou seis paginas de notícias desta edição especial, ao invés de contar com as quatro costumeiras páginas dedicadas tanto para as notícias internas quanto externas:



43. – Jornal correio, 5 de Fevereiro de 1942 – A Reader’s Digest é veiculada nas páginas do Jornal Correio, contado com conteúdos variados. Dentre estes conteúdos, é divulgado “A Força de Staline na América”, a fim de disseminar os perigos que o comunismo representa para a América.

Convém perceber o quão notável é a preocupação quanto ao fato de existirem comunistas dentro do seio do nosso país em um momento tão grave. Tais considerações são notas explícitas das conseqüências que teve a Intentona de 1935⁵³. O Jornal Correio dedica páginas e páginas de movimentos cívicos lembrando este episódio, e agora não apenas os comunistas como inimigos, como também os integralistas. Os integralistas passaram a ser considerados membros perigosos para o equilíbrio do Brasil, com suspeitas de serem espiões trabalhando para o Eixo. A perseguição aos “Quinta-colunas”⁵⁴



Ao declinar para o lado americano, o Brasil sofre ataques de submarinos alemães e declara guerra a Alemanha Nazista em 1943. Da mesma forma que a política externa mudava entre os países participantes da guerra, a imprensa não deixaria passar despercebidas estas mudanças, implicando um ritmo cada vez mais intenso em suas notícias, agora com a perspectiva de luta pela pátria e pelo futuro da humanidade contra um inimigo que só praticava atrocidades. As noções de ditadura impostas no cotidiano

⁵³ OLIVEIRA, Ricardo Pereira de. A “Intentona Comunista” em Uberlândia, reflexos da “Tradição Revolucionária”: O Comunismo nos anos de 1933 a 1935. Monografia disponibilizada no CDHIS, nº 1713, UFU.

⁵⁴ Quinta-coluna: Expressão usada para se referir a grupos clandestinos que atuam, dentro de um país ou região prestes a entrar em guerra, ajudando o inimigo, espionando e fazendo propaganda subversiva. Fonte: Wikipedia. Disponibilizado em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quinta-coluna>>.

aos cidadãos brasileiros eram reformulados para se ajustarem ao modo de vida norte-americano. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial estava concretizada.

Um exemplo inicial é visto no trecho desta matéria:

“O ano de 1943 será de triunfo. Temos hoje alcançado edificar força necessária para enfrentar nossos adversários. Amanhã vamos vencê-los e a todas as suas doutrinas tão nocivas à perpetuação da paz e felicidade dos povos. No Brasil presenciamos espantados à evolução dos esforços dispensados em favor da vitória. E hoje somos uma potência de real valor para o êxito da causa empreendida pelas nações livres. O triângulo Inglaterra, Estados Unidos, Brasil é o centro estratégico da batalha contra os totalitários. Triângulo feito de idéias, sentimentos, aspirações e desejos comuns. A coesão que se observa nesses países em luta é um fato digno de orgulho da nossa história. O ano de 1943 culminará com o sucesso dos nossos objetivos.”⁵⁵

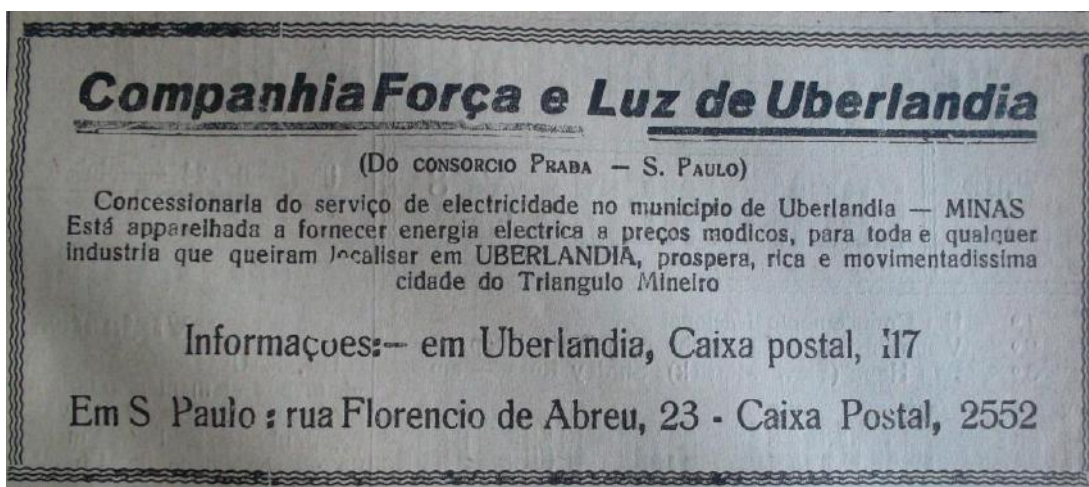
O Brasil de regime afinado com o totalitarismo alemão converteu-se não somente em força física, mas também em porta-voz da democracia. E o Correio de Uberlândia era uma extensão necessária para informar e conscientizar daquilo que se se convencionou a chamar de “dever imprescindível” em prol da democracia:

“A Guerra que estamos empenhados é amarga e de longa duração. As forças que operam no Atlântico Sul farão todo o possível para impedir que os azares da guerra atinjam as nossas costas. O povo brasileiro deverá estar preparado, entretanto para repelir canhoneiros e bombardeios em grande escala que poderão ser feitos por corsários do Eixo.”⁵⁶

⁵⁵ Jornal Correio – 07 de janeiro de 1943.

⁵⁶ Jornal Correio - 24 de fevereiro de 1943.

Outro ponto importantíssimo a destacar é sobre as notícias acerca da empresa de energia elétrica que prestava serviços em Uberlândia, chamada Companhia Força e Luz de Uberlândia:



45.

45. - [Jornal Correio, de 1939 a 1945 – Companhia Força e Luz de Uberlândia – A principal companhia prestadora de energia elétrica em Uberlândia e região do Triângulo Mineiro durante a década de 40, sua localização era no prédio da atual Oficina Cultural. Esteve envolto de denúncias](#)

Durante a guerra ocorreu provavelmente o único episódio de distúrbio social que esteve correlacionado ao conflito. A Companhia Força e Luz era alvo de críticas e processos devido às taxas altas de energia elétrica distribuídos em Uberlândia e região durante a guerra. Quando o Brasil declarou guerra ao Eixo em 1942, esta empresa se viu diretamente sob ataque do Jornal e da população pelo fato do presidente desta companhia ser italiano:



46. – Jornal Correio, Setembro de 1942 – Esta é apenas uma das várias notícias utilizadas para atacar a Companhia Força e Luz, que cobrava valores extorsivos em taxas de energia com prestação de serviço em péssima qualidade.

A partir deste ponto, o Jornal Correio entre os anos de 1942 a 1945 veiculou em suas páginas várias notícias sobre a Companhia Força e Luz como súdito do Eixo, inimigo imediato do patriotismo uberlandense, provocando ocasionalmente a ira da população, que depredava o edifício da companhia com ações de vandalismo e apedrejamento. Quando as ações de depredação ameaçavam criar distúrbios de caráter perigoso para a ordem vigente, o jornal preparava páginas lembrando aos cidadãos de Uberlândia sobre sua boa índole e conclamando o patriotismo de toda a cidade para focar na luta contra o Fascismo durante as datas cívicas.

A respeito da participação dos cidadãos Uberlandenses quanto a Segunda Guerra Mundial, destacam-se os movimentos cívicos que aglutinaram os sentimentos de pertencimento a Pátria, que passava por um momento difícil devido a declaração de guerra em 1943. Destaca-se também a veiculação da compra do Bônus de Guerra ou da Campanha da Borracha, contando com envio de alguns cidadãos uberlandenses até a Floresta amazônica para ajudar na campanha aliada:

1942, ano de sacrifícios 1943, ano da vitória

Paulo de Campos Moura

Foram trezentos e sessenta e cinco dias de esforços titânicos, de lutas incansáveis, de atividades incansáveis, de trabalho, de abnegação e sacrifícios. O ano de 1942 ficará consagrado e imortalizado nas páginas da história, talvez como o mais expressivo de todos os tempos, tais as demonstrações de resistência, de força construtiva, de poder realizador que evidenciaram os povos defensores da civilização moderna. Os reveses, as derrotas, os fracassos e os contratempos não constituiram motivos de desânimo e, muito ao contrário, fortaleceram a perseverança, a tenacidade e o vigor que conquistarão a vitória da independência e liberdade de todas as nações do globo. O ano de 1940 foi de surpresa. O ano de 1941 foi de consequências dessa surpresa. O ano de 1942 foi de reação. O ano de 1943 será do triunfo.

Temos hoje alcançado editar a força necessária para enfrentar os nossos adversários. Agora, vamos vencer e a todas as suas doutrinas nocivas à perpetuação da paz e felicidade dos povos. No Brasil, precisamos espantados a evolução dos esforços dispensados em favor da vitória. E hoje somos uma potência de real valor para o êxito da causa empreendida pelas nações livres. O triângulo Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, é o centro estratégico da batalha contra os totalitários. Triângulo feito de ideias, sentimentos, aspirações e desejos comuns. A coesão que se observa nesses países centrais na luta é um fato digno de orgulho da nossa história. O ano de 1943 culminará com o sucesso dos nossos objetivos. E para a certeza dessa afirmação, basta apreciarmos a potencialidade adquirida pelos ingleses nos últimos doze meses que se transformaram em apreensão para os países ditatoriais. A realização militar da Inglaterra é um monumento do gênio britânico, secularmente inspiado no bem, na prosperidade e liberdade do mundo. É um monumento que fará registrar nos dias de 1943, a paz, a tranquilidade e o progresso dos povos!

Faça seus impressos nas Of. do «Correio»

47.

"AQUISIÇÃO DE BONUS DE GUERRA" "NOVO SALÁRIO MÍNIMO"

Aviso aos Srs. empregadores industriais

1º. — Cientifico aos Srs. empregadores industriais que, a partir de 1º-1-43, deverão descontar nos salários de seus empregados, no ato do pagamento a cada um, a importância de 3% destinada a aquisição de Bonus de Guerra, de acordo com a Legislação em vigor.

Tal desconto deverá incidir somente sobre os salários iguais ou superiores de CR. \$ 250,00 mensais, ficando também isentos deste desconto todos os empregados que apresentarem talão de pagamento do imposto de renda.

As importâncias descontadas dos empregados, que serão recolhidas ao Instituto dos Industriários deverão ficar retidas em poder dos empregadores até novo aviso sobre a forma do recolhimento.

2º. — Comunico, outrossim, aos mesmos empregadores que, a partir de 1-1-43, e de acordo com uma portaria do Coordenador da Mobilização Econômica, baseada no dec. lei 4.750 de 28-9-42, a importância do salário mínimo sofreu um acréscimo de 25% para as capitais e de 30% para as demais localidades.

Nesta base, o salário em Uberlândia que era de CR. \$ 170,00 para os maiores de 18 anos e de CR. \$ 85,00 para os menores, passará neste mês a ser de CR. \$ 221,00 e de CR. \$ 110,50 para os maiores e menores respectivamente.

Para maiores esclarecimentos atendei das 17 às 18 horas no Hotel Zardo.

Uberlândia, 12 de Janeiro de 1943.

Mário G. Matos
Fiscal do Instituto dos Industriários

48.

A CAMPANHA DA BORRACHA EM UBERLÂNDIA

O interesse demonstrado pelos representantes de Companhias de gasolina — O apoio da Prefeitura Municipal

Atendendo ao apelo que lhe foi feito, Uberlândia recebeu com a maior simpatia possível a campanha da borracha, que se vem processando em todo o território nacional. O desenvolvimento dessa patriótica campanha, aqui certamente terá a patriótica iniciativa o mais franco apoio do povo.

O prefeito Vasconcelos Costa recebeu ontem em seu gabinete os srs. Margonari & Cia. Menezes & Vieira, Santos & Cia., Alexandre Garcia e Irmao Ferreira, que estão levando a efeito, em nome de suas congêneres de gasolina, um grande e patriótico movimento neste sentido.

Dentre outras coisas ficou deliberando que o Serviço de Racionamento de Combustíveis solicitasse a cada caminhão que vai de Uberlândia com destino a praças deste e outros Estados, trouxesse de volta pelo menos um pneumatico ou obieto de borracha, além de serem entregues a qualquer posto de gasolina desta cidade.

O prefeito municipal fez também um apelo a toda a população, principalmente às classes estudantinas, no sentido de levarem aos postos de

gasolina, borracha para a defesa do Brasil.

Uberlândia deseja trabalhar com todo o entusiasmo para ocupar o lugar de destaque que merece nessa patriótica campanha.

O prefeito municipal comunicará ao Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (D.E.I.P.), em Belo Horizonte, os resultados desse movimento.

O SOL

A par da economia popular

É na colheita, em pleno esplendor, o astro do dia ruborizado de indignação ante a terra que se desenvolve na paisagem. Tudo o que glorioso passado de civilização respeitada pelas civilizações humanas se

CORREIO DE UBERLÂNDIA

DIÁRIO MANTIDO INDEPENDENTE - Fundado em 7 de Fevereiro de 1934

ANO VI | Direção de Residência ALVES DE OLIVEIRA | Sabado, 26 de Junho de 1943 | N. 1201

Uberlândia se aprimora

O prefeito visita as indústrias da cidade

49.

47, 48, 49. — Jornal Correio, entre 1942 a 1945 - O Jornal Correio divulgou dezenas de páginas com campanhas de aquisição de bônus de guerra, além de solicitar a ação de voluntários para a extração da borracha no norte do país para o esforço de guerra. Como forma de incentivar a moral interna (provavelmente influenciado pela D.I.P), o jornal dedicou páginas em nome do patriotismo e da moral interna.

Os cidadãos de Uberlândia também presenciaram momentos em que o racionamento em nome da guerra se fez presente:

GOVERNO MUNICIPAL
RACIONAMENTO DA GASOLINA
Aos senhores vendedores de gasolina

A Prefeitura Municipal de Uberlândia, chama a atenção dos senhores agentes e vendedores de gasolina desta cidade para os seguintes dispositivos legais:

- 1) — É terminantemente proibida até ordem em contrário, a venda de gasolina sem os coupons ou autorizações especiais, distribuídas pela Comissão Municipal de Racionamento de Combustíveis;
- 2) — Os coupons de racionamento são distribuídos mensais ou semanalmente e só servem durante o mês ou semana em que forem expedidos;
- 3) — Todas as segundas-feiras, até às 12 horas, os postos são obrigados a devolver os coupons devidamente empassados, por ordem de data, da gasolina distribuída na semana anterior, acompanhados de uma nota em duplicata de que conste: o "stock" anterior e a gasolina recebida durante a semana, declarando o saldo que passou para a semana em curso;
- 4) — No caso de suspeita da veracidade do "stock" serão tomadas providências no sentido de se proceder a verificação;
- 5) — De uma só vez não se pode fornecer gasolina em quantidade superior à referida em três coupons, no máximo, da caderneta do mês;
- 6) — O comprador é obrigado, sob pena de ficar sem efeito a venda, a destacar os coupons correspondentes à gasolina pretendida, na presença do vendedor, que observará se a caderneta se refere ao mês em curso e se o veículo tem a chapa declarada no coupon;
- 7) — Os coupons do mês em curso não servem, sob pretexto algum, para o mês seguinte;
- 8) — A gasolina só pode ser fornecida no tanque do veículo referido no coupon ou autorização especial;
- 9) — Para fins industriais será facultado o abastecimento em latas ou vazilhama, mediante entrega de coupon com as necessárias indicações;
- 10) — Nenhum vendedor pode recusar a fornecer a gasolina pretendida, desde que o comprador apresente o coupon ou autorização especial, salvo se não tiver em "stock" o combustível;
- 11) — As bombas e postos de gasolina não funcionarão nos domingos e feriados e nos dias úteis só funcionarão das 7h30 às 18 horas;
- 12) — Os vendedores de gasolina são obrigados a cumprir rigorosamente estas determinações e outras que venham a ser publicadas;
- 13) — Além de outras sanções administrativas, aos vendedores de gasolina, por infração das resoluções da comissão, pode ser até cassada a licença para operar no Estado, por tempo indeterminado.

UM APELO AO COMÉRCIO DE UBERLÂNDIA

Esta Prefeitura, a cujo cargo se encontra, em virtude de dispositivo de lei, o racionamento de combustíveis no município, tem procurado, no cumprimento dessa atribuição e dentro das normas estabelecidas pelas autoridades competentes do país, promover a distribuição da gasolina, de modo a não prejudicar, na menor parcela que seja, os transportes econômicos desta região.

Como não podia deixar de ser, marceou cuidadoso estudo do Prefeito e da comissão municipal instituída para deliberar sobre o racionamento, a questão do abastecimento de centenas de caminhões deste e de outros municípios, que fazem o transporte de mercadorias desta cidade a diversas outras da Minas, Goiás e Mato Grosso e vice-versa, região não servida por estrada de ferro e que tem Uberlândia como centro abastecedor.

Mediante a apresentação das guias das mercadorias a serem conduzidas pelo caminhão — seja desta ou de outro município — estabeleceu-se o fornecimento da gasolina suficiente para o seu percurso até o destino indicado nas guias e volta a esta cidade.

A guia expedida pelo comerciante ficou, pois, considerada como documento comprobatório da necessidade da quota especial de gasolina que vem sendo fornecida normalmente aos veículos de transportes.

Confiando no comércio local essa importante função no controle de distribuição de combustíveis em nosso município, a Prefeitura a fez confiar ao seu critério e na sua jamais negada colaboração na resolução de todos os problemas de interesse público.

Após conhecimento dos funcionários encarregados da distribuição de coupons de racionamento, têm chegado, porém, informações de que condutores e proprietários de caminhões vêm procurando, com o objetivo de obter combustível em quantidade superior à que realmente necessitam, convencer os comerciantes a alterar os destinos das guias ou a fornecer-lhes comprovantes de transportes que não pretendem fazer.

Já se tendo constatado algumas irregularidades em guias de transportes, a Prefeitura apela para o comércio em geral, no sentido de serem as referidas guias estritas com o destino e peso exatos das mercadorias e não de acordo com indicações dos interessados em conseguir gasolina.

Aos infratores serão impostas severas penas, de conformidade com a lei vigente.

GASOLINA PARA VIAJANTES

De acordo com o aviso publicado anteriormente, os estabelecimentos comerciais e industriais desta cidade, devem apresentar à Prefeitura, até dia 30 do corrente mês, declaração, por escrito, das viagens que pretendem fazer no mês próximo.

Moveis? — Só Freitas

50. — Jornal Correio, 1943 — Racionamento de Gasolina passa a vigorar em Uberlândia.

Perto do término da guerra, Uberlândia viveu a ida de seus pracinhas aos campos de guerra na Itália. Ao final de 1945, as notícias sobre uma possível abertura de eleições no Brasil ganharam destaque. O Pós-guerra pouco teve importância para as notícias regionais do Jornal Correio, e logo todos os acontecimentos correlacionados a guerra caíram no esquecimento.

2.4 – A queda dos regimes fascistas e a rendição do Japão.

Desta forma, no início de 1942 a máquina de guerra fascista ficou sobrecarregada. A Operação Barbarossa fracassou. Em um novo ímpeto, a frente oriental conheceria grandes batalhas em Kharkov e nas proximidades de Leningrado durante o ano de 1942. Em uma nova expansão territorial, a Alemanha Nazista alcançou a cidade de Stalingrado. Esta cidade se tornou o palco de uma das mais sangrentas batalhas de todos os tempos (entre Novembro de 1942 a Fevereiro de 1943). Stalin negava-se a retirar seu exército da cidade que levava seu nome, enquanto Hitler desejava sua conquista, pois sabia que, se a cidade caísse, a moral soviética ficaria irremediavelmente perdida.

Stalingrado, do ponto de vista militar não era importante. Mas para a propaganda de ambos os países, sua conquista seria vital. As tropas do eixo chegaram a ocupar 95% da cidade, mas a resistência soviética fazia de cada esquina e cada ruína um renhido campo de batalha. Francos atiradores instauraram o terror em ambos os lados, e a população civil sofria violências desmedidas tanto de alemães quanto de soviéticos.

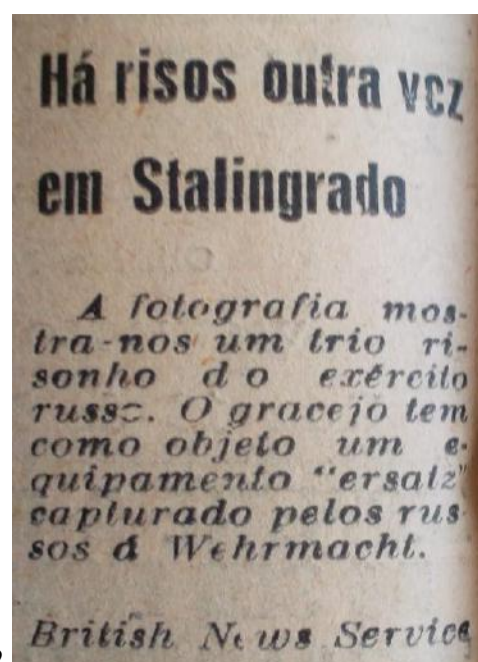
A cidade tornou-se um monte de ruínas. Cada fábrica, casa ou até mesmo cômodos e andares eram disputadas em batalhas que duravam vários dias. Geralmente cada conquista de terreno se dava em combate corpo-a-corpo, com direito a granadas, golpes de baionetas e pás de trincheira.

Após os primeiros meses de luta pela cidade, o front de Stalingrado se estabilizou brevemente devido a chegada do inverno. Este seria o segundo inverno em solo soviético ao qual o Exército Alemão iria enfrentar, desde o início da Operação Barbarossa. Enquanto a atenção das tropas de elite alemãs era voltada as batalhas mais disputadas, a retaguarda alemã era coberta por tropas de segunda classe, provenientes da Itália e Romênia. O Alto Comando Soviético preparou um maciço contra-ataque à retaguarda alemã.

Quando o contra-ataque foi deliberado, as tropas italianas e romenas foram dizimadas e o 6º Exército de Von Paulus foi cercado. Tentativas de resgate às tropas

sitiadas foram efetuadas, e de abastecimento aéreo também. Ambas falharam. Hitler proibiu a rendição e, para garantir uma luta fanática pela cidade, o Führer promoveu Von Paulus a Marechal, como garantia de que o 6º Exército lutasse até a morte. Ao invés disso, Paulus se rendeu aos soviéticos⁵⁷.

A batalha de Stalingrado, ao contrário do que é dito nos livros didáticos escolares, não marcou a virada definitiva da guerra ao lado dos aliados, mas provou, pela primeira vez, que as tropas do eixo não eram invencíveis. No Jornal Correio de Uberlândia, Stalingrado é citado como uma esperança a partir daquele momento em diante e o alívio da URSS com uma grande vitória contra o Eixo:



51, 52. – Jornal Correio, Março de 1943 – Pequena citação com foto sobre os soldados soviéticos em Stalingrado.

Enquanto as batalhas se desenrolavam pela Europa, África e Ásia, os líderes da Grande Coalizão (Churchill, Stalin e Roosevelt) reuniam-se em grandes cúpulas para discutir os rumos da guerra. Algumas decisões importantes foram tomadas nestas reuniões. A primeira cúpula, em Placentia Bay (Agosto de 1941), foi feita antes da entrada dos EUA no conflito, mas torna-se importante devido o fato da assinatura do Tratado do Atlântico (que contem as primeiras cláusulas para a formação da ONU) e a

⁵⁷ DAVIES, Norman, **Europa na Guerra (1939 – 1945) - Uma vitória nada simples**. São Paulo: Editora Record, 1ª Edição, 2009. pp. 125-129.

implementação da Política de Arrendamentos, que proveria Grã-Bretanha e, futuramente a URSS, como beneficiárias de produtos americanos no esforço de guerra.

Na passagem de 1941-1942, a cúpula de Arcádia (Washington) estabeleceu diretrizes gerais ao campo de batalha. Dar-se-ia ênfase ao teatro de operações europeu antes da integração das nações aliadas ao teatro de operações no Pacífico. Neste caso, temos pelo menos duas implicações nesta conferência: pela primeira vez, discutia-se sobre a abertura de um novo front no oeste europeu, e a outra consequência seria que as possessões ultramarinas seriam reconquistadas em um segundo plano, com os EUA tomando as diretrizes do ataque. Aos poucos, a Europa declinou parte de seu poder econômico aos EUA.

Em Teerã (1943), Stalin participou da cúpula e pressionou os líderes aliados para abrir um novo front contra os alemães a oeste. Na medida em que o Exército Vermelho reavia os territórios perdidos, ficava claro que repúblicas em mãos alemãs passaria para o controle soviético⁵⁸.

Embora cada reunião dos três grandes líderes tenha ocorrido com o intuito de re-configurar a situação geopolítica dos territórios em conflito, o *Jornal Correio* divulgou suas notícias com bases em especulações, já que muito do que se falava nestas conferências tinham um caráter secreto. Um bom exemplo é quanto às especulações sobre o Dia D, ou sobre a Invasão da Itália:

⁵⁸ DAVIES, Norman. Op cit. pp. 195-197.

Por que demora a invasão?

Spectator

Exclusividade do C. E. C. para o "Correio de Uberlândia"

Londres — Ha muitos meses que*tinada a representar um segundo o assunto que domina todas as operações militares contra o "eixo" dirige-se em relação á proxima invasão da Europa numa investida final para provocar a derrota definitiva de todas as forças nazistas. Entretanto é lícito que muitos afirmam estar demorando a invasão do continente europeu. Essa demora entretanto tem justificativas que si os nazistas as aproveitam para alardear a sua esteril propaganda, os aliados servem-se das mesmas para delinear todos os detalhes que impeçam um surto das operações quando a invasão for realizada. Vejamos então essas justificativas. Os aliados não escondem as dificuldades que representa uma invasão simultanea da Europa por varias setores, aliás a unica que não estaria des

"front" nos moldes do italiano. Dai, os aliados a medida que ultimam os seus preparativos para a grande invasão, observarem com extrema atenção o que se passa no interior da Alemanha. Não mereceriam criticas os aliados, após a invasão e a perda de numerosas vidas, a Alemanha se entregasse procurando fugir aos ataques da RAF? Isso naturalmente os aliados estão querendo evitar sem contudo deixar de apressar a invasão.

Multivermina

*Vermifugo ideal — sem cheiro e sem sabor
Elimina todos os vermes*

53.

53. — Jornal Correio, Maio de 1943 — Sobre os motivos para a demora da invasão das potências ocidentais no coração da Europa.

A partir de 1942, até 1945, a Alemanha Nazista sofreria intensos ataques aéreos por parte da Grã-Bretanha e EUA, enquanto a campanha submarina de Hitler perderia qualquer chance de vitória contra a marinha dos EUA, engajada tanto no Oceano Atlântico, quanto no Oceano Pacífico. Muito pouco se fala sobre os ataques aéreos, divulgados da mesma forma resumida quando a RAF e a Luftwaffe lutaram em 1940. As notícias variavam entre notas sobre as batalhas ou sobre a destruição de cidades alemãs:

CORREIO DE UBERLÂNDIA

Registrado no
DIP
sob n. 13.790

DIÁRIO INDEPENDENTE FUNDADO EM 7 DE FEVEREIRO DE 1938

ANO VI — Direção de Hostilio ALVES DE OLIVEIRA — Uberlândia — Sexta-feira 3 de Dezembro de 1943 — N. 1309

Fala Goebbels sobre a catástrofe aérea nazista

Gal. Edward G. Selton
Exclusividade do C. E. C. para o «Correio de Uberlândia»

Londres — Depois de um período de relativo silêncio falou Goebbels. Falou entretanto para reconhecer a catástrofe aérea nazista, para confirmar a impotência em que se encontra o Reich de enfrentar a ameaça aérea da RAF e confessar as extensas perdas que a ofensiva da aviação britânica vem exercendo permanentemente sobre o território alemão. É a primeira vez que Goebbels fala livremente favorecendo a causa aliada ao descrever o estado de sofrimento e abatimento em que se encontra todo o povo alemão diante dos horrores que a guerra aérea lhe está proporcionando. Vale a pena entretanto aqui frisar, que a guerra aérea não é inovação britânica. A potente e avassaladora ação da RAF foi forjada nos ensinamentos da Batalha da Grã Bretanha. Ninguém pode negar entretanto que si a Batalha da Alemanha ganhou em intensidade, diminuiu de muito em ferocidade. Nenhuma cidade puramente civil da Alemanha foi convertida. Os ataques da aviação britânica têm sido dirigidos principalmente contra as cidades industriais, contra os estaleiros navais e contra as indústrias aeronáuticas. A repulsa que Goebbels promete em seu discurso não encontraram crédito no povo alemão que reconhece estar predestinado a uma derrota total. Os alemães reconhecem hoje a ponderação das palavras de Churchill, quando prometia aos ingleses que os vandalos nazistas seriam castigados severamente. As proféticas palavras do primeiro ministro britânico realizaram-se. A Alemanha caminha hoje para a sua completa destruição e para o caos, donde muitos sacrifícios terá de fazer para poder sair.



A fotografia mostra-nos a Duquesa de Kent com o seu filhinho, Príncipe Miguel (British News Service)

Ador Benedito Valadares

54.

54. — Jornal Correio, entre 1942 a 1945 — Neste período foram noticiados, em várias notas resumidas, sobre o avanço das ofensivas aéreas contra Berlim.

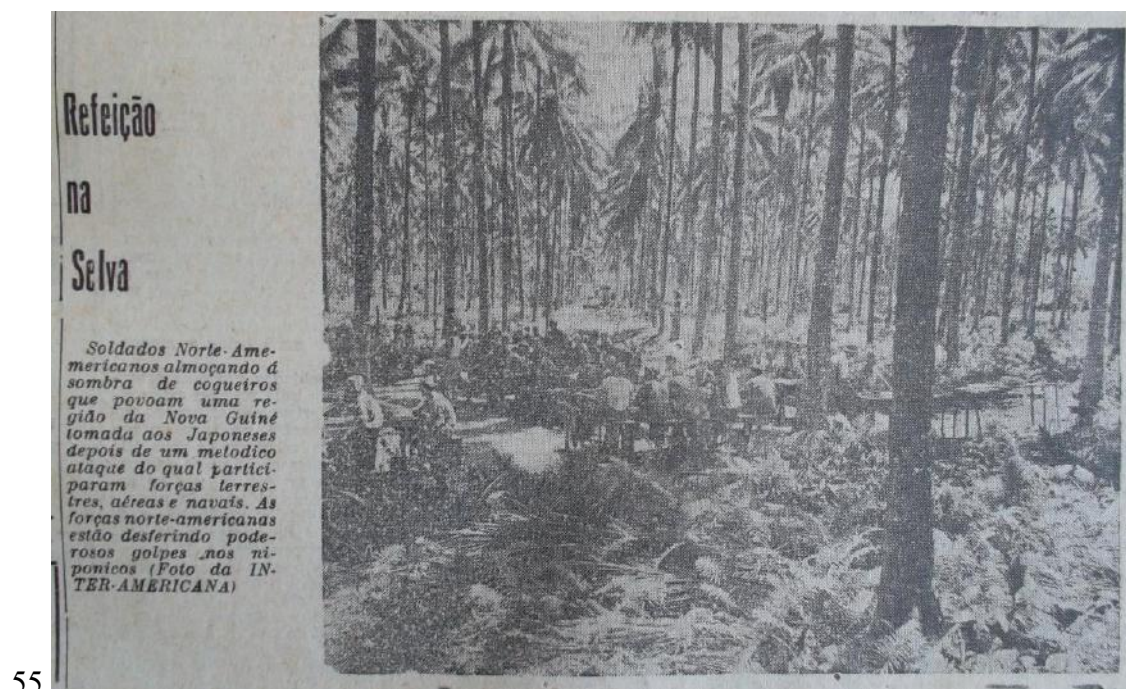
No norte da África, em auxílio as tropas italianas, Erwin Rommel havia conquistado um vasto terreno que ia da Tunísia a Argélia. Após a vitória da Inglaterra na Segunda Batalha de El Alamein no final de 1942 e com a entrada dos EUA no conflito, a Operação Tocha sepultou qualquer chance de vitória do Eixo em território africano⁵⁹. Este front em questão é levado em dúvida quanto à relevância estratégica para o Eixo, uma vez que o Norte da África só consumia reservas e recursos que poderiam ter sido empregadas em outros fronts⁶⁰. Em paralelo a este acontecimento, tropas americanas conquistavam sua primeira vitória contra o exército imperial japonês em Guadalcanal (de Agosto de 1942 a Dezembro de 1942)⁶¹. Os teatros de operações no Norte da África e na Oceania eram abordados pelo Jornal Correio com fotos sobre o

⁵⁹ DAVIES, Norman. Op. Cit. p 124.

⁶⁰ Id.

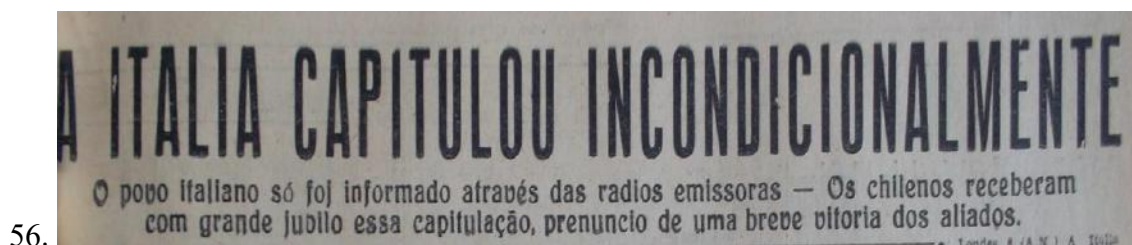
⁶¹ ROBERTS, Andrew. **Tempestade da Guerra**. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 308.

campo de batalha ou curiosidades sobre os soldados, sem uma explicação sobre as estratégias utilizadas, ou sobre uma discussão moral sobre o que se passava nestes dois cenários:



55, 56. – Jornal Correio, entre 1942 a 1945 – As maiores características sobre a abordagem dos acontecimentos nos fronts do Norte da África e do Oceano Pacífico são as notícias com a formatação de fotos em conjunto com citações.

A conquista do Magreb africano deu carta verde à invasão da Itália a partir de 1943⁶². A ocupação e retomada da Itália ocupou as principais notícias de 1943, conforme exposto nesta imagem:



56. - A ocupação da Itália preencheu as principais notícias no ano de 1943, dando aos aliados noções de como realizarem ataques anfíbios em portos bem defendidos, embora o progresso no interior da península tenha sido lento e penoso devido as características do terreno italiano.

Embora não tirasse a atenção nazista de forma suficiente no front oriental, a ocupação da Itália desestabilizaria uma dos maiores, e, com certeza, a mais decisiva batalha para o resultado final da guerra: a batalha de Kursk.

Em Julho de 1943 Kursk havia começado. O alto Comando Alemão e Soviético sabiam da iminência desta batalha. Enquanto o Exército Alemão organizava todo seu efetivo terrestre, os soviéticos organizaram profundas defesas antitanque em torno de uma cidadezinha que levava o nome da batalha.

O início da batalha foi bastante equilibrado. Ambos os lados lutaram no limite de suas forças para aniquilar o inimigo. Neste interim, Hitler recebeu a notícia de que a Itália foi invadida, e remanejou a principal divisão de tanques em Kursk para prestar auxílio a Mussolini. Desta forma, na maior batalha de tanques da história, a URSS batia o Exército Alemão de maneira irreversível no front Oriental. A vitória soviética em Kursk aniquilou a capacidade de organização e desintegrou a força da Alemanha nazista no Leste Europeu⁶³. E o mais incrível a respeito desta batalha é o fato que a maior batalha de tanques da história da humanidade passou despercebida pelo Jornal Correio, embora a URSS tenha disseminado o resultado da batalha em todos os meios de imprensa possíveis entre os seus aliados como propaganda sobre o árduo

⁶² DAVIES, N. Op. Cit. pp 133 - 134.

⁶³ DAVIES, N. Op. Cit. pp 130 – 133.

triunfo obtida nesta vitória. Provavelmente a censura interna limitou os triunfos de um aliado estranho e atípico tal como a URSS comunista. Tudo o que foi noticiado, desde o momento que a URSS passou a fazer parte do vínculo aliado, são notícias curtas (ainda que positivas) sobre a situação do Front:

BATALHA GIGANTESCA NA UCRÂNIA
Tremenda derrota nazista — Luta-se corpo a corpo nas ruas de Kieve, Gomel e Melitopol

Moscou, 18 (U.P.) Esta manhã se anunciou que os russos estão combatendo corpo a corpo em três grandes cidades da Rússia: Kieve, Gomel e Melitopol. A luta no interior dessas cidades se prolonga há cinco dias, sem interrupção. As cargas de baionetas se sucedem indefinidamente e cada assalto é mais feroz que o precedente.

BATALHA SEM PRECEDENTES

Moscou, 18 (U.P.) Despachos da frente anunciam que no interior de Melitopol está sendo travada uma batalha sem precedentes, e que os russos expulsaram os nazistas da cidade pouco a pouco. O general Milinovski comanda pessoalmente essas tropas russas.

IMINENTE A QUEDA DE KIEV E GOMEL

Moscou, 18 (U.P.) A Rádio local informa que é iminente a queda de Kieve e Gomel, afirmando que a resistência nazista nessas cidades está no fim. Acrescentou que em Gomel a luta entrou também na fase decisiva e que os nazistas estão sendo dominados.

TREMENDA DERROTA

Moscou, 18 (U.P.) Número de colunas dos gigantescos tanques russos "Vorochilov", de 70 toneladas irromperam esmagadoramente através do centro das linhas de Kieve e surpreenderam os nazistas pela retaguarda. As tropas nazistas sofreram uma derrota tremenda e, segundo se afirma, as divisões alemãs em Kieve foram totalmente desorganizadas. Presentemente a situação dos nazistas em Kieve é de um verdadeiro caos.

DESTROÇADAS TRÊS DIVISÕES ALEMAES

Moscou, 18 (U.P.) Acabam de ser destroçadas mais três divisões alemãs em Kieve, informaram esta noite os despachos daquele setor. Os russos conseguiram irromper na retaguarda da guarnição nazista e realizaram uma mortandade sem precedentes entre os invasores. A situação das restantes tropas alemãs é angustiosa.

SALÃO

ALUGA-SE ótimo à Praça Antônio Carlos 40, entre Drogeria Alexandre e Hotel Goiânia, próprio para armário, barbearia, alfaiataria, costuras, etc.
Pode ser visto das 12 às 14 horas.

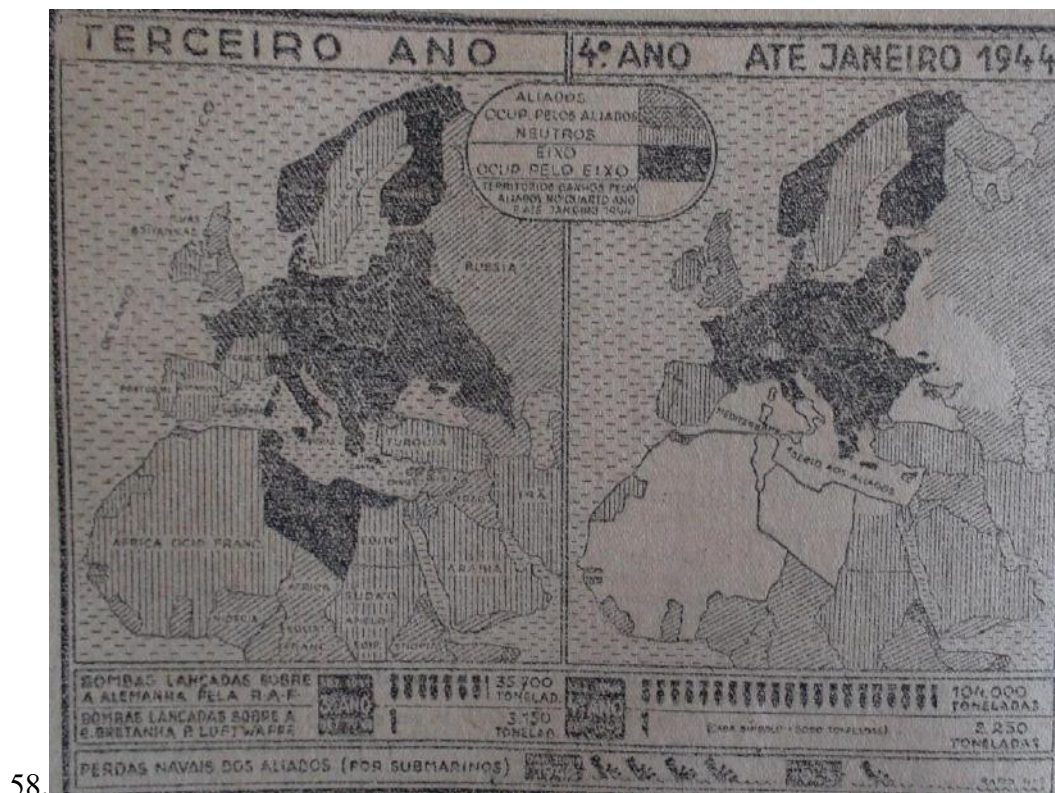
Multivermina
Vermífugo ideal — sem cheiro e sem sabor
Elimina todos os vermes

57. – Jornal Correio, entre 1943 a 1945 – Todos os avanços soviéticos foram veiculados em notas de resumo tal como é mostrado nesta imagem.

A partir deste ponto, Stálin tomou a iniciativa do ataque. Enquanto a Itália era parcialmente ocupada, Stalin organizou um gigantesco contra ataque no leste Europeu com a Operação Bragation⁶⁴. Todas as forças nazistas de 1941, incluindo Exército, Força Aérea, e uma parte da Marinha no mar Báltico, foram sistematicamente neutralizadas. Entre Junho a Agosto de 1944, O Exército Vermelho avançou até a fronteira com a Polônia.

Antes do Dia D, o Jornal Correio publicou o único mapa desenhado em suas publicações. Obviamente, o entendimento do panorama geral da guerra, com todas as suas implicações, não se dariam de forma clara:

⁶⁴ DAVIES, N. Op. Cit. p 134 – 137.



58. – Jornal Correio, Janeiro de 1944 – Este é o único mapa geopolítico disponibilizado pelo Jornal Correio a respeito do conflito, com o gráfico sobre as regiões bombardeadas na Europa.

De Junho a Julho de 1944, forças militares americanas, canadenses, polonesas e inglesas desembarcaram na Normandia, em uma operação aerotransportada com codinome Overlord (o famoso Dia D, erroneamente defendido por Ambrose, como ponto de virada da guerra em favor à causa aliada⁶⁵). Obviamente, esta foi a maior notícia de destaque no Jornal Correio naquele período:

⁶⁵ AMBROSE, Stephen E. **O Dia D – 6 de Junho de 1944 – A Batalha culminante da Segunda Grande Guerra**. Rio de Janeiro, 3ª Edição, 2002. pp 29 - 42.



59. – Jornal Correio, 6 de Junho de 1944 – O Dia D.

Roma, até então, havia sido conquistada, e o Brasil enviava seus primeiros contingentes do exército aos campos de batalha italianos. Enquanto isto, de ilha em ilha, o exército americano reconquistava as possessões japonesas no pacífico, que foram perdidas no início de 1942.

Durante o ano de 1944, o exército vermelho se deteve na fronteira da Polônia e partiu para a conquista dos países balcânicos (com a exceção da Grécia e Iugoslávia, que resistia a ocupação nazista praticamente sozinho). Neste movimento, a NKVD expropriou moradores com descendência germânica, mandou líderes políticos para Gulags em meio a Sibéria, julgou e assassinou colaboradores e implantou governos fantoches. Desta forma, o governo polonês no exílio organizou um movimento de resistência que encararia uma crescente interrogação moral ao final do confronto: O Levante de Varsóvia.

Em 1º de Agosto de 1944, o governo polonês no exílio deu o aval de ataque para as forças de resistência presentes na cidade de Varsóvia a fim de auxiliar a ocupação soviética. Ao contrário do esperado, a URSS não foi ao auxílio dos poloneses e negou o estabelecimento de bases aéreas da RAF (que correria em auxílio aos

guerrilheiros) em seu território. Desta forma, Hitler manobrou divisões das SS contra a cidade polonesa, e ordenou sua total destruição. As perdas humanas equivaliam às mesmas sofridas pela Operação Overlord (aproximadamente 4.900 baixas⁶⁶) por dia, em duas semanas consecutivas. Por fim, em 5 de outubro a resistência foi exterminada, e a cidade contava com, pelo menos, 50.000 civis mortos, além de 500.000 civis remanejados para os campos de concentração. As nações ocidentais, e principalmente a Polônia, culpavam os líderes soviéticos pela falta de auxílio ao movimento de resistência. Coincidentemente, tropas soviéticas adentraram Varsóvia após a eliminação da resistência. Nada, absolutamente nada foi abordado pelo Jornal Correio a respeito do levante de Varsóvia.

De Julho a Dezembro de 1944 a França era libertada após as grandes conquistas do General Patton no campo de batalha. A presença maciça da USAAF⁶⁷ em território francês facilitou toda a reconquista, já que o exército alemão contava com uma gritante escassez de recursos⁶⁸. Em dezembro, Hitler organizou um último contra ataque contra o Oeste europeu, na mesma Ardenas que havia atravessado em 1940. Quando a neve parou de cair, o contra-ataque novamente perdeu forças com a nova presença da USSAF.

A Itália lentamente sucumbia à presença Aliada. Mussolini, que havia sido preso por traição e resgatado pelas forças alemãs, governou a República de Saló ao lado de forças de ocupação nazista. A resistência italiana floresceu ao norte da Itália, e, em uma das ações de guerrilha, prenderam Mussolini em fuga e o executaram em praça pública. Hitler arcou contra um atentado a sua vida quando uma bomba explodiu em uma reunião de cúpula nazista. O Império Japonês, com várias ilhas estratégicas perdidas, estava perdendo território na Birmânia, Conchinchina (Laos, Camboja, Vietnã), levava bombardeios diários da USAAF, e estava em perigo iminente de invasão territorial após as maciças perdas de sua frota imperial na Batalha de Midway⁶⁹. O eixo declinava vertiginosamente.

Em Janeiro de 1945, forças soviéticas fizeram a primeira incursão em território alemão. Acerca dos acontecimentos presenciados nos primeiros meses de

⁶⁶ Ibid, pp.705.

⁶⁷ USAAF – United States of America Air Force – Força Aérea dos Estados Unidos da América.

⁶⁸ DAVIES, Norman. Op. Cit. p 138 – 141.

⁶⁹ ROBERTS. Andrew. Op. Cit p. 641.

1945, deve-se considerar a maciça propaganda que a URSS fez com cunho de vingança pelas perdas humanas e materiais. Novamente a população civil iria sofrer com as mazelas da guerra, e, neste ponto, principalmente a população feminina:

“(…) No início da ofensiva soviética na Prússia Oriental, no dia 13 de janeiro de 1945, cartazes eram afixados pelos comissários políticos: ‘Soldado, lembra-te de que estás no antro da besta fascista!’”. Ilya Ehrenburg, celebre ideóloga da URSS em guerra, multiplica por seu lado os apelos de vingança no *Krasnaya Zvezda*, jornal do Exército Vermelho.

(…) Quando mulheres, crianças e velhos tentam fugir, é tarde demais. O frio e a neve já estão presentes e também as primeiras ondas soviéticas. Saques, incêndios, massacres e estupros começam logo. Só vão cessar 5 meses mais tarde em Berlim.

(…) Em Königsberg, mulheres que acabavam de ser violentadas suplicaram a seus agressores que as matassem, e estes, indignados, lhes responderam que os soldados russos não matam mulheres e que somente os soldados alemães os fazem. Em Berlim (...) os soldados soviéticos tomam o tempo dessa vez para escolher suas vítimas, em troca de um pouco de comida. (...) Referindo-se aos bombardeios aliados que anteriormente enlutaram Berlim, elas inventaram este espantoso bordão: ‘É preferível um russo no ventre que um americano sobre a cabeça’.”⁷⁰

Temos, na citação acima, um típico crime contra a paz, que não foi julgado nos tribunais presentes no pós-guerra. A respeito disso, este testemunho também cita os bombardeios aéreos sofridos pela população alemã durante 1945, e um destes bombardeios figura como um grande crime de guerra que se livrou de qualquer punição pós-guerra: O bombardeio da cidade de Dresden.

⁷⁰ QUETEL, Claude. **As Mulheres na guerra: 1939 – 1945**. São Paulo: Larousse do Brasil, 1ª Edição, 2009. pp. 59.

Dresden foi uma das cidades escolhidas para ser bombardeada após os apelos de Stalin, para que tal ação facilitasse a movimentação soviética em solo alemão. Mas Dresden pouco tinha a ver com a guerra na fase final do conflito já que a máquina de guerra alemã praticamente ruiu na véspera do ataque aéreo. Mas esta era uma das únicas cidades alemãs em pé antes da queda de Berlim. Após três “raids” aéreos sobre esta cidade, a RAF e a USAAF reduziu Dresden a cinzas. Sobre as mortes civis, Davies aponta que as cifras variam possivelmente de 30.000 a 120.000.⁷¹ E o desfecho desta ação infame ficou a cabo do exército Vermelho, que exigiu um ataque aéreo de “suporte” e nem adentrou na cidade.



60. – Jornal Correio, 17 de Março de 1945 – Notícias sobre o ataque a cidade de Dresden. Obviamente, as notícias que chegam ao Jornal não são claras em relação a proporção de perdas humanas e destruição.

Em Abril, o ultimo bastião nazista cairia em mãos soviéticas. EUA e Grã-Bretanha pouparam esforços na fase final do conflito, e convidaram a URSS para a última ofensiva contra o 3º Reich a fim de conquistar Berlim.

⁷¹ DAVIES, N. Op. Cit. p 147.

Antes da batalha de Berlim, soldados americanos e soviéticos uniram-se no eixo Erfurt – Leipzig – Dresden⁷², e cortaram o 3º Reich em dois. A defesa ao norte da Itália começou a ruir e rendições em massa aconteciam em todas as regiões ocupadas.

Em Abril, Berlim foi atacado em quatro direções diferentes pela URSS (americanos e britânicos pouparam seus soldados do ataque final para remanejá-los contra o Império Japonês, algo que Stalin considerou como parte de uma traição). Berlim se defendia desesperadamente, não mais com soldados alemães (que já eram minoria), mas com forças colaboracionistas (SS Charlemagne, SS Nordland). Estas duas divisões lutaram até a última munição, pois não havia mais esperança de vida para os soldados destas divisões após a guerra (seriam fuzilados em seus países por colaboração com o inimigo). Destacam-se também a utilização de Hitler pela Volksturm, voluntários de todas as idades que fariam a última defesa do Reich. Nesta defesa desesperada, crianças e velhos foram utilizados até o último dia do conflito, com soldados das SS executando traidores que negligenciasse o dever com a pátria.

Em 30 de Abril, Hitler se suicidou. Emissários do Reich encaminharam-se aos generais soviéticos e americanos e declararam rendição incondicional. Em 8 de maio, a guerra na Europa acabava⁷³. O Jornal Correio assim finalizava sua cobertura a respeito da guerra na Europa com uma edição comemorativa do fim da Guerra, com a foto de todos os líderes que tiveram caráter decisivo neste conflito:

⁷² DAVIES, N. Op. Cit. p 149.

⁷³ DAVIES, N. Op. Cit. p 149 – 152.



61.



62.

61, 62. – Jornal Correio, 05 de Maio de 1945 – O Dia da Vitória, com o resumo dos políticos que tomaram parte na Aliança para a derrocada do Terceiro Reich.

Ainda havia o front japonês. Na fase final do conflito, EUA e URSS assinaram uma aliança contra o Japão. O Império Britânico reocupou a Indochina, enquanto a URSS ocupava a Manchúria. Chineses expulsavam pouco a pouco os japoneses dos territórios perdidos desde 1931.

Ainda assim, nas ilhas do Império Japonês aconteciam resistências fanáticas. Iwo Jima foi conquistado em uma proporção de baixas maiores para o lado Americano, e em Okinawa o avanço era lento, constantemente prejudicado por ataques kamikazes nos locais de desembarque.

A resistência fanática dos soldados japoneses preocupou os EUA, devido a proporção de baixas que poderiam ser causadas caso ocorresse algum desembarque nas ilhas principais. O presidente Roosevelt faleceu naquele ano e Truman ascendeu ao cargo. O Alto Comando Americano e o novo presidente tomaram uma das primeiras decisões que daria início à guerra fria: utilizaria sua arma secreta contra cidades japonesas a fim de forçar o fim do conflito e mostrar a outras potências (em especial a URSS) quem detinha o maior poderio de destruição em massa.

Dias 6 e 9 de Agosto. Por ordem, Hiroshima e Nagasaki sucumbiram as bombas nucleares. Neste ponto, não prolongarei muito sobre o fato de que este foi um dos crimes de guerra mais gritantes de todo o conflito. Em 2 de setembro, o Japão rendeu-se incondicionalmente.⁷⁴ Embora com o mundo abalado pelas bombas atômicas, pela ocupação da URSS no leste europeu, e pelos movimentos de independência vindouros das colônias que outrora pertenciam às potências que lutaram nesta guerra, e a nascente guerra fria que surgiria das conseqüências políticas da reocupação e reconstrução da Europa, foi neste mesmo dia seis de Agosto que se deu o fim da Segunda Guerra Mundial. Quanto as menções sobre bomba nuclear, invasão da URSS ao Japão ou as últimas notícias sobre as batalhas supracitados acima, o Jornal Correio já não disponibilizou. Temos apenas uma nota informando sobre o Estado de Guerra contra o Japão:

⁷⁴ BOOTH, Owen e WALTON, John, *A História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Europa, pp 206 – 219.

O Estado de guerra entre o Brasil

Nossa Pátria, coerente com os princípios panamericanos, vem de declarar o Estado de Guerra ao Japão. Medida de alcance transcendental e de suma importância, é mais uma das atitudes desassombradas, exaltando não só nossa nítida compreensão de deveres para com as nações deste hemisfério, como, é uma resposta firme e categórica ao traiçoeiro golpe vibrado pelos nipões, entenebrecendo a história da civilização.

A amizade que une o Brasil aos EE. UU., as mesmas aspirações de liberdade, de democracia, estavam exigindo de nossa parte uma de-

e o Japão

finição, e ela seria posta em prática, quando as circunstâncias a isso determinassem.

O imperialismo amarelo, aliado aos parceiros nazifascistas, sentia nas entranhas a volúpia dominadora e não podendo sopitá-la, desencadeia contra a grande nação de Roosevelt, a mesma guerra que há uma década procura reduzir a heroica China, a condição de escrava.

Hiroito e sua camarilha, hoje palmilhando a estrada da derrota, sob os signos da

queda fragorosa, só, porque os seus amigos europeus, Hitler e Mussolini, são apenas uma macabra recordação, estará dentro em breve, como criminoso de guerra n.º 1 da Ásia, respondendo pelos seus nefandos crimes contra a moralidade e contra o mundo civilizado.

O Brasil, sem as peias recomendadas pela consciência de país não beligerante, poderá agora prestar à grande nação amiga, sua colaboração eficaz, preciosa, enviando-lhe os meios necessários para esmagar a hidra sanguinária asiática em seu próprio covil, para que se restabeleça no mundo, a tão almejada paz.

Como não poderia deixar de ser, os EE. UU. receberam o gesto brasileiro e de seu inclito governo, no qual se destaca a figura imperecível do Presidente Vargas, com estrondosas manifestações de alegria, e a imprensa do país amigo é unânime em ressaltar o quanto representa moral e materialmente a nossa decisão.

E com a característica que aureola nossa tradição, mais uma vez, nossa querida Pátria se prepara para uma página luminosa da sua grande e imperecível história de povo culto e civilizado, sentinela avançada contra os bárbaros.

Agra decimento

POR INTERMÉDIO DO "CORREIO DE UBERLÂNDIA".
AGRADECEMOS AOS MEMBROS DA COMISSÃO QUE PROMOVERAM HOMENAGENS, POR OCASIAO DE SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO, E BEM ASSIM AOS AMIGOS DEDICADOS, AS PROVAS DE CARINHO E AMIZADE DE TODOS OS QUE, POR CARTAS, TELEGRAMAS OU PESSOALMENTE, LHE DESEJERAM VOTOS DE FELICIDADE.

ARLINDO TEIXEIRA
MATHILDE TEIXEIRA

eclinio. Por enquanto o gado está gordo, quer na sua porção destinado ao abate, quer na de conservação para cria. É óbvio, porém, que dentro de poucos dias, se os pastos não forem irrigados, os rebanhos estarão consumidos pela seca e nós desorientadamente desviados do caminho do seu soerguimento para contemplar nos cam-

pos calcinados, as ossadas brancas com cujas vestiduras se banquetearam os urubús em detrimento do estômago de cariocas e de paulistas e até de mineiros e de goianos...

Este assunto, embora não nos pareça tão complexo como se procura fazer acreditar, exige outras considerações, que aduziremos amanhã.

3 - Considerações finais.

Desde o momento que tive meu primeiro contato sobre o tema da Segunda Guerra Mundial, há aproximadamente 10 anos atrás ainda no colegial, percebi o quanto a minha percepção sobre o mundo mudou após este conflito no que se diz respeito a herança geopolítica, moral, econômica e cultural.

Mas mesmo com o estudo deste período tão importante na História da Humanidade, suas reminiscências na memória na cidade de Uberlândia são mínimas, para não dizer quase inexistentes. Ao estudar sobre como se deu a abordagem do Jornal Correio a respeito da guerra, pude enxergar que a cidade viveu a guerra nas mais variadas formas possíveis. nota-se muitos fatores surpreendentes.

Em primeiro lugar, mesmo com todo o estudo historiográfico presente nas elucidações sobre a Segunda Guerra Mundial hoje, entender as abordagens de um Jornal local em cima deste tema é um desafio.

Interessante notar que o Jornal Correio tomou posições maleáveis quanto às questões ideológicas, políticas e morais quanto ao conflito. A Alemanha nazista que no início da guerra é dita como a libertadora da Europa contra o complô bolchevista-judaico e o imperialismo inglês, muda radicalmente de lado a partir do momento em que o Brasil é atacado devido sua solidariedade aos EUA que entraram na guerra após o ataque a Pearl Harbor. De fato, as abordagens sobre Doutrina Monroe, Panamericanismo, e amizade mútua com os EUA não são publicadas como forma de expor o Imperialismo Americano, mas sim como forma de impedir que o comunismo se instaure em um momento de plena crise mundial. Estes discursos flagram contradições com o que se fala sobre o Brasil governado pelas mãos de Getúlio Vargas: Um país que se diz completamente livre de qualquer ameaça estrangeira, mas entregue a Doutrina Monroe.

Quanto ao fato sobre os judeus, a discussão sobre as intenções do Jornal Correio tornam-se mais delicadas. Enquanto tivemos autores que defendiam escancaradamente o anti-semitismo, houve também notícias que flagravam os crimes de guerra dos Alemães. Mesmo assim, o Jornal Correio, talvez por falta de fontes de

notícia ou mesmo pelo silêncio estabelecido pelos “Vencedores” aos “Vencidos” na guerra, não denunciou ou sequer mencionou algo que se assemelhasse a um crime de guerra por parte dos Aliados (Levando-se em conta as notícias após a formação da coalizão aliada, em 1942).

Quanto ao Jornal Correio como veículo de notícias sobre a guerra, é surpreendente notar que a censura da D.I.P, por mais forte que tenha sido em alguns momentos, não conseguiu contornar notícias que são completamente irreais aos olhos de uma Ditadura Varguista. Notícias expondo eleições nos EUA como exemplo máximo da democracia, ou no momento que o Brasil entrou em guerra e disse estar lutando contra as colunas fascistas, mostra que a censura não teve um impacto muito forte na questão do que se deveria noticiar ou não. A questão acerca da censura logo tomou uma nova forma a partir do final de 1942, com o Jornal Correio dedicando suas páginas a propagandas de guerra, perseguição à “quinta coluna” e as comemorações de datas cívicas do Brasil.

Em Uberlândia, é possível notar que o clima da guerra também alimentou uma insatisfação que já acontecia com o Consórcio Prada de Energia Elétrica desde 1938. Além de alimentar a insatisfação dos problemas internos, percebe-se também que os cidadãos uberlandenses, sendo ela da elite letrada ou não, participou dos movimentos regionais que eram correlacionados a Segunda Guerra Mundial. Desde o recrutamento, passando pelas comemorações cívicas, moções de solidariedade aos brasileiros que tombaram nos mares devido aos submarinos alemães, passando para a depredação do prédio do Consórcio Prada, ao voluntariado à extração da borracha no norte do país e a participação de mulheres na Cruz Vermelha. Quando os conflitos na Europa acabaram, as notícias sobre o mundo perderam espaço para as notícias nacionais e locais. A maior novidade para aquele momento era a abertura para as primeiras eleições para presidente. Nota-se que entre Abril e Setembro de 1945, nem mesmo notícias sobre as Bombas Atômicas de Hiroshima e Nagasaki ganharam destaque nas páginas do jornal.

Finalmente quanto a extensão geográfica do conflito, vemos que o Jornal Correio provavelmente provocou mais dúvidas do que elucidações quanto ao cenário da guerra. Locais impronunciáveis da Europa ou do Pacífico eram inseridos as notícias publicadas tomando-se do pressuposto de que seus leitores saberiam abstrair sobre como, onde e quando os conflitos estavam acontecendo. Embora a Radio-Difusora das

capitais veiculasse as notícias de grande impacto do que acontecia na guerra, algumas dessas notícias tinham atraso de um dia, dois dias, ou dependendo, até de semanas desde os acontecimentos dos fatos. Obviamente estas notícias também estavam sujeitos a censura e propaganda dos outros países envolvidos na guerra.

Por fim, quase 70 anos após o fim da guerra, com a própria historiografia sobre a Segunda Guerra Mundial passando por revisões no campo da memória social e política sobre o conflito, teremos perguntas sem respostas. Nos ditames do Jornal Correio, é notável que as nações vencedoras da Segunda Guerra Mundial determinaram de maneira decisiva a questão sobre o que era importante a imprensa escrita falar sobre a época. Com direito ao silêncio dos países vencidos, ao silêncio que a censura política impôs aos países participantes. Também ao silêncio da própria elite, população e o Jornal Correio quanto a ida e volta de seus pracinhas que foram para a guerra, culminando com o silêncio de um monumento esquecido na Praça Clarimundo Carneiro. E com toda esta cadeia de eventos silenciados, por uma memória que poucos tiveram alguma curiosidade para compreender ou buscar devido as dificuldades apontadas neste presente trabalho, lembro-me do ostracismo a memória de pessoas que vivenciaram a experiência da guerra em sua forma mais destrutiva. Tal qual aconteceu com o falecido amigo de meu pai, do qual nem ao menos me lembro o nome, mas que fez parte de minha vontade de conhecer e estudar sobre o que a Segunda Guerra Mundial representou para o Jornal Correio de Uberlândia.

4 - Bibliografia:

BRITO, Diogo de Souza, WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes. **Uberlândia Revisitada: memória, cultura e sociedade.**

ROBERTS, Andrew. **A Tempestade da Guerra.** Tradução: Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro. Record, 2012.

DAVIES, Normam. **Europa na guerra.** Tradução: Victor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORDAN, David. **Atlas da II Guerra Mundial: volume único.** Tradução: Tatiana Napoli. São Paulo: Editora Escala, 2008.

QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra, 1939-1945.** Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

BOOTH, Owen. **História Ilustrada da II Guerra Mundial.** Tradução: André Spera e Daniel Marques. São Paulo: Editora Europa, 2010.

OLIVEIRA, Ricardo Pereira de. **A “Intentona Comunista” em Uberlândia, reflexos da “Tradição Revolucionária”: O Comunismo nos anos de 1933 a 1935.** Monografia disponibilizada no CDHIS, nº 1713, UFU.

CAMARGO, Cassiana Carrijo. **“Cultura Letrada e Imprensa: O Jornal Correio de Uberlândia (1938-1960)”.** Monografia disponibilizada no CDHIS. Uberlândia, UFU, 2004.

5 - Anexos: Os anexos a seguir são sobre as pastas do Jornal Correio presentes no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, utilizadas como fonte principal de pesquisa.

Pastas 2 – Jornal Correio - Agosto a Fevereiro de 1939.

Pastas 4 – Jornal Correio – Agosto a Dezembro de 1940.

Pastas 5 – Jornal Correio - Janeiro a Junho de 1941.

Pastas 6 – Jornal Correio - Julho a Dezembro de 1941.

Pastas 7 – Jornal Correio - Janeiro a Junho de 1942.

Pastas 8 – Jornal Correio - Julho a Dezembro de 1942.

Pastas 9 – Jornal Correio – Janeiro a Junho de 1943.

Pasta 10 – Jornal Correio - Julho a Dezembro de 1943.

Pasta 11 – Jornal Correio - Janeiro a Junho de 1944.

Pasta 12 – Jornal Correio - Julho a Dezembro de 1944.

Pasta 13 – Jornal Correio - Janeiro a Setembro de 1945.

Pasta S/N – Jornal Correio – 05 a 07 de Maio de 1995.